

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
E SAÚDE DE GOIAZ

*Revista de Educação
e Saúde*



N.

27 - 28

DIRETORA:
PROF. FLORACY ARTIAGA MENDES

Junho e Julho de 1946

IMPRENSA OFICIAL - GOIÂNIA

GO
C
V
80

SUMÁRIO

REDATORIAIS

GRANDES VULTOS da Educação em Goiás
ANIVERSÁRIO DA REVISTA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
26 DE JULHO

COLABORAÇÕES

Assuntos Pedagógicos

EDUCAÇÃO RURAL — Dr. Vicente Umbelino de Souza
O CREPÚSCULO DA BONDADE — Prof. Maria Paula
Fleury de Godoy
NECESSIDADE DAS ATIVIDADES EXTRA-PROGRAMA —
Prof. Nazaré de Matos
AMOR AO MAGISTÉRIO — Prof. Floracy Artiaga Mendes

História da Educação em Goiás

O CENTENÁRIO DO LICEU DE GOIAZ — Dr. Pedro
Viggiano

Filologia e História

GOIAZ A UM SÉCULO — Prof. Paulo Emílio Póvoa
UMA PAZ DURADOURA E UM HERÓI ESQUECIDO — Dr.
Zoroastro Artiaga

Educação Sanitária

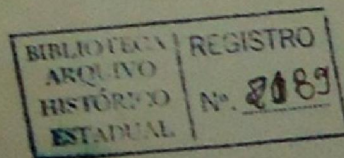
PROTEÇÃO À MATERNIDADE E À INFÂNCIA — Dr.
Ranier de Paula
PROTEÇÃO À INFÂNCIA — Prof. Maria França Gonçalves

Assuntos Instrutivos

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUANTIDA-
DES NEGATIVAS — Prof. João Odilon G. Pinto

SECÇÕES PERMANENTES

*Fatos e iniciativas — Atividades escolares — Notícias de
arte e cultura — Variedades educacionais e educativas —
Para as festas escolares — Caixa de Correspondência —
— Legislação Escolar —*



SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
E SAÚDE DE GOIAZ

*Revista de Educação
e Saúde*



N.

27 - 28

Ano
XIV

DIRETORA:
PROF. FLORAQV ARTIAGA MENDES

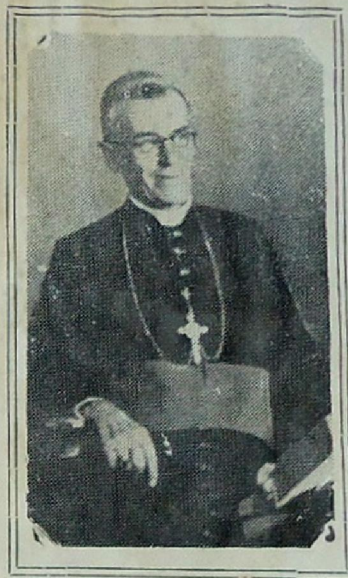
332.60
Sec
P. 1
2169

BIBL. ... REGISTRO
ARQ. ...
HISTÓR. ... 2089
E ...

Junho e Julho de 1946

IMPRESA OFICIAL - GOIÂNIA

GRANDES VULTOS



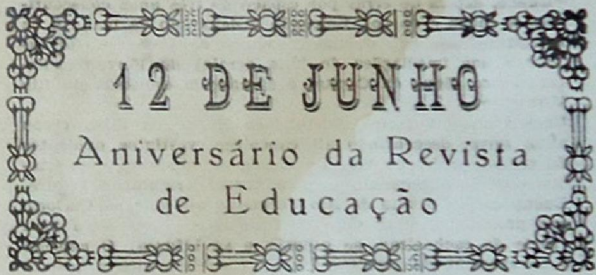
D
A
E
D
U
C
A
Ç
Ã
O

E
M
G
O
I
A
Z



S. Excia. Revma.
D. Emanuel Gomes de
Oliveira, ilustre Arce-
bispo de Goiaz, justamente
cognominado "o Arce-
bispo da instrução", cuja
atuação em prol do ensino
em todo o Estado, pode ser
apontada como a mais bri-
lhante página da História
da Educação em nossa
terra.

Nesse dia, ha treze anos atrás, surgia esta Revista, na antiga Capital do Estado, criada pelo decreto nº 3.482, com a denominação "Revista Goiana de Educação e História", com a finalidade precípua de contribuir "para o melhor aparelhamento do professorado, despertando o interêsse pelas novas conquistas do ensino e permitindo o intercâmbio de idéias entre os nossos professores e os das demais unidades da federação".



12 DE JUNHO

Aniversário da Revista
de Educação

Passados 13 anos, embora em pleno período de adolescência, o "órgão oficial da instrução em Goiaz" apenas pode apresentar hoje o seu 27º número, dadas as múltiplas dificuldades com que se deparou na jornada, muito embora grandes fossem o esforço e a boa vontade de seus antigos dirigentes.

Recentemente reestruturada, com organização própria e especializada, entra a nossa Revista de Educação em sua nova fase, cheia de esperanças e de ideal, num grande desejo de ser útil, de crescer e progredir, concorrendo, de algum modo, para o melhoramento do nível educacional do Estado.

Tudo por Goiaz e pelo Brasil !

26 DE JULHO

Neste festivo dia, as escolas de Goiás se cobrem de galas para comemorar a magna data histórica de nosso querido Estado.

Segundo nos relatam historiadores patrióticos,

"Bueno, depois de errar por espaço de três anos consecutivos, á chuva e ao sol, vencendo o desanimo da maloria da companheirada que desejava voltar aos penates, fôl esbarrar nas imediações do hoje arraial do Ferreiro, distante uma légua da Capital e á margem esquerda do Rio Vermelho.

Uma vez no Ferreiro, Bartolomeu Bueno da Silva creou alma nova, descobrindo all capoeiras, vestígios evidentes da passagem de seu pai. Depois de algumas semanas gastas em reconhecimento e para tomar orientação segura, Bueno desceu o vale do Rio Vermelho até sair na Carioca, nas proximidades da Capital, onde o rio, depois de uma série de cachoeiras, se espraia e se bifurca. O aspecto imponente da paisagem avivou-lhe subitamente a memória e o cabo teve o pressentimento de que se achava no local em que estivera Anhangüera. Prosseguindo nas suas observações, rio abaixo, Bueno foi encontrar a tribo Goiá justo no ponto em que antigamente se ergueu a Igreja da Lapa, levada pela enchente de tristes recordações e onde se acha hoje a "cruz de Anhangüera".

Esse fato verificou-se a 26 de julho de 1725, dia de Sant'Ana, razão porque, exatamente dois anos depois se erigiu all a capéla de Villa Boa, sob a invocação de Sant'Ana, em homenagem á data de seu descobrimento".

(Victor L. Ramos — NOTICIA HISTÓRICA DO DESCOBRIMENTO DE GOIÁZ)

Encham-se pois as escolas goianas, nesta festiva data, de cantos e de hinos, de risos e de flôres, porque assim aprendem as novas gerações o amôr á gleba natal e às tradições históricas de nossa terra que hão de saber honrar e engrandecer pelo bem do Brasil.

SALVÉ, Goiás !

EDUCAÇÃO RURAL

Vicente Umbelino de Souza

Inspetor Federal de Ensino Secundário

Um grupo de moços, amigos do Estado de Goiás, um punhado de pessoas interessadas também no futuro nosso, alguns movidos tão só do desejo de ver frutificar e prosperar o ensino no Brasil, outros cheios de esperanças e idéias, interessados imediatos, enfim, muita gente anda cuidando da criação de uma Faculdade de Farmácia e Odontologia nesta Capital.

Ouve-se, de vez em vez, a voz derrotista de um descontente a agourar impossibilidades na realização, tachando de visionários os empreendedores da obra.

A necessidade da Escola aí está, entrando pelos olhos a dentro, de todos quantos quizerem ver a pobreza cultural do Estado, a miséria intelectual em que vivem os estudantes do curso superior, obrigados pelas contingências a seguir o curso de Ciências Jurídicas, única escola superior de Goiás, mau grado suas tendências e vocações para especulações científicas, para as matemáticas, para as ciências médicas. Ou ser advogado ou morrer a mingua de cultura superior, eis o dilema.

Diante de tal situação não há possibilidade de compreender um goiano, de bom senso, que critique ou censure a idéia da criação de mais um curso superior em nossa terra. A obra iniciada, não pode, portanto, perecer assim, sejam quais forem as dificuldades que tiver de enfrentar.

Muito embora hipotequemos o nosso franco apóio á campanha, seja-nos permitido não discordar propriamente da criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia, mas, perguntar apenas por que, em vez dessa, o Govêrno do Estado não curou ainda da criação de uma Escola de Ve-

terinária e Agronomia em Goiás? É preciso notar-se, mais ainda, que a iniciativa da Faculdade não coube ao Governo e muito menos a realização, estando os particulares a assumir integralmente as responsabilidades da Fundação.

Goiás vive mais de sua agricultura e de sua pecuária que de outra coisa qualquer, necessitando tanto de uma escola de veterinária e agricultura, como de braços para a lavoura e transporte para seus produtos. Escolas de Farmácia e Odontologia, são úteis e necessárias, mas escolas rurais de agricultura, de pecuária, são imprescindíveis. Por que não se faz, à maneira americana, escola de alfabetização ao lado de escolas elementares de agronomia e veterinária?

Problema capital do Brasil é fixar o homem ao solo, ensinar-lhe a amar o ambiente em que vive, explorar a meios de que dispõe, com o mínimo de esforço e máximo de proveito, mas, para tanto, urge criar escolas de alfabetização, localizando ao seu lado escolas elementares de agricultura. Se ensinarmos o nosso homem do campo a produzir, a usar conscientemente os instrumentos e máquinas agrícolas, se lhe dermos máquinas, se lhe ensinarmos a viver da melhor maneira e sua vida, havemos de ver de que é capaz essa pobre e ignorante gente do interior brasileiro.

Aí a razão porque junto de Faculdades de Direito, de Farmácia, de Odontologia, se tornam imprescindíveis Escolas de Veterinária e Agronomia, como curso superior e como básico, escolas elementares de agricultura disseminadas por todo o Estado. Longe de qualquer pessimismo, baseados mais na realidade dos fatos, podemos afirmar que Goiás viverá longos e longos anos ainda entregue a criação de gado e à plantação de cereais, antes que se rasgue para o Estado a era da Indústria. Por que não desenvolvermos então a pecuária e a lavoura e mesmo a indústria de laticínios, a da carne e derivados que já estão ao nosso alcance e já em nosso caminho?

As escolas rurais de alfabetização, as escolas rurais de agronomia elementar são caminho excelente para o início da obra de que mais necessita nosso pobre Estado e são por outro lado, meio certo para roubarmos à miséria, à doença e à preguiça o nosso infeliz camponês, que, afinal, pode viver dentro do seu próprio ambiente, uma vida bem melhor.

☉ O trabalho expela de nós próprios três grandes males: o tédio, o vício e a pobreza.

Voltare

O Crepúsculo da Bondade

Maria Paula Fleury de Sodoz
Prof. da Escola Normal Oficial

Uma história era o que exigia de mim um filhinho que, adoentado, mal suportava a clausura do quarto. E como, pela vigésima vez, eu recomeçasse as sabidíssimas histórias de "Branca de Neve" e da "Bela e a Fera", ele me interrompeu impaciente:

— A senhora vai é ler uma história para mim! E logo, como por encanto, apareceu o livro, um grande album cheio de ilustrações coloridas, cujos caracteres, um tanto fantasistas, não eram exatamente a grafia comum das letras impressas, não ainda destituídas de segredos e dificuldades para os sete anos vadios de Clovis.

Puz-me a ler e li até o fim para o entusiasmo crescente de meu filhinho e para o meu assombro. A história, que eu lia, era um verdadeiro romance de ódio (hoje os romances de amor não interessam nem às *jeunes filles*) e tive uma pena enorme desses pequeninos cérebros que se desenvolvem entre a brutalidade estúpida das fitas de "cow boy" e essa literatura perniciosa que, como o cinema americano, quer monopolizar o nosso mercado de livros e é devorada com tanta gana pelos garotos do Brasil, sob a mulsulmânica indiferença de pais e responsáveis.

Nesses livros, como nos tais filmes, o ambiente e os seres são estranhos, exóticos, e neles se faz a apologia da força física, da violência, do crime enfim. Mas, no meio de *gangsters*, *scroes*, de toda a espécie de bandidos, se destaca o "americano". E a gente acaba, quase achando, como os guris, que o americano é mesmo essa figura de "ficelle" armada com tanta inteligência e tamanha desenvoltura. Generoso e destemido, jovem e robusto, o vencedor, o herói enfim, é sempre americano. Para as outras nações se repartem os papéis desagradáveis ou aviltantes do vilão ou do bandido.

Basta lembrar "Voando para o Rio" (uma fita de propaganda brasileira) na qual Dolores Del Rio, encarnava física e moralmente a mestiça, que representava a brasileira.

Na literatura, a mesma cousa.

Nesse romance infantil, que agora me caiu às mãos e

é assinado por um nome americano, a fantasia é delirante e o interesse da narração não decai até final.

Num mundo irreal e perverso, onde pontifica Sua Suprema Inteligência o Rei do Universo, apenas mais cruel e mais poderoso do que os outros homens, há de tudo que a ciência possa ter criado para o martírio da pobre humanidade: máquinas de deshumanização, máquinas transmissoras do pensamento; raios magnéticos fulminando á distância; fuzis de raios químicos transformando as criaturas em estátuas de gelo; fornalhas atômicas; electro-torturas; cidades-prisões; tanques artificiais com polvos dragões; arenas com tigres unicórnios; tudo, tudo utilizado para o mal, unicamente para o mal. E homens-macacos, homens-leões, homens-demônios, homens-voadores se agitam e se estraçalham nesse pandemônio, ardendo numa febre de ódio e de exterminio, entre feras e monstros anti-diluvianos.

Duas mulheres, destituídas de ternura e delicadeza, com uma *sans façon* ultra moderna e uma grosseria primitiva, disputam o amor do mesmo homem que, ainda aqui, é o americano, jovem esportman de músculos de aço e coração generoso que, como um ciclone tudo derruba e tudo vence, esmagando a socos homens e feras e, afinal, casando com a heroína, também intrépida e também americana.

Fechado o livro, procurei, em vão, o motivo, a razão, a "moral", enfim, de toda essa trama infernal que encheu páginas e páginas de horror e morticínio.

Da mesma procedência, publicações ditas policiais são a repotagem minuciosa dos mais repugnantes crimes, perigoso alimento propinado por preços populares a jovens inteligências maleáveis, em plena formação moral.

É fácil prever o dano que tais leituras produzem. Nem precisamos viver á custa de literaturas alheias.

Entretanto, a maioria de nossas revistas agasalha um nome nacional perdido entre páginas e páginas de ilustres anônimos estrangeiros.

Mesmo a nossa literatura infantil é abundante em bons livros.

É preciso, porém, que os nossos pequenos, em vez de encherem a boca com tanto nome arvezado e enjurerem o coração com tanta cousa ruim e alheia á nossa terra, á nossa gente e á nossa índole, aprendam a conhecer e amar o Brasil e os seus homens levados pela mão de escritores que, como Monteiro Lobato, tenham o dom de encantar, sabendo, numa feliz aliança de fantasia e realidade, entreter a imaginação infantil.

O nosso Sací vale bem o camondongo Mickey. Quando, porém, terá igual popularidade no Brasil?

Temos boas publicações infantis. Para citar uma, apenas, a mais antiga e a mais bem feita: O Tico-Tico, revista que, há quase trinta e cinco anos, vem fazendo as delícias da gurizada com a sua ronda terrível e bem nossa de

Chiquinho, Jujuba, Lili, Lamparina, Azeitona e Bolão, repetindo as peraltagens dos guris brasileiros em lares brasileiros, sob o claro céu brasileiro. E as "lições de Vovó", simples e acessíveis, são lindas páginas instrutivas e interessantes.

Uma avalanche de destruição ameaça fazer desaparecer as velhas civilizações e caminha ameaçadoramente para os novos continentes. Precisamos boicotar essa literatura malsã e dissolvente, que exalta e doura os instintos mais brutais, os sentimentos inferiores, familiarizando com o crime e o ambiente criminoso, e na qual, inconscientemente se abebera a mocidade brasileira, criando uma mentalidade estrangeira e perigosa dentro da nossa terra. Precisamos afastar das mãos e dos olhos infantis tais leituras, tóxicas como venenos letais.

Que os nossos jornais e as nossas revistas publiquem de preferência trabalhos de escritores brasileiros sobre assuntos nacionais.

E que o público tenha o bom gosto de preferir publicações genuinamente brasileiras, desprezando outras, infelizmente escritas em português, num mau português, veiculando o que de pior, de mais deletério se produz no estrangeiro.

X X X

O Crepúsculo da Bondade é um fato no Velho Mundo.

Que no Brasil, onde a bondade está na massa do sangue do nosso povo, que ainda não conhece realmente os horrores da guerra e da fome, possa o mais nobre dos sentimentos encontrar um refúgio, um abrigo, que o agasalhe e proteja contra a onda de impiedade que se alastra pela Terra.

— CONSTRANGIMENTO MALÉFICO —

Podem transmitir a gripe as gotículas de saliva e mucosidade «perdigotos» expelidas pelo nariz e boca, dos doentes e convalescentes que falam, tosem e espirram sobre os outros. Também é capaz de fazê-lo o "apêto de mão" daqueles cujas mãos se tenham poluído com tais secreções. Muita vez, para não passar por mal educado, o individuo arrisca sua saúde deixando de fugir dos perdigotos e apertos de mãos de gripados e convalescentes.

Evite a gripe abolindo o apêto de mão e afastando-se dos que falam, tosse e espirram. SNES.

NECESSIDADE DAS ATIVIDADES EXTRA-PROGRAMA NO ENSINO

Elza Nazaré Matos

Prof. do Grupo Escolar de Cristalina

A escola ativa, baseada do estudo psicológico da criança é, realmente, uma instituição nova, como nova é a psicologia experimental, mas, encarada sob o ponto de vista prático, remonta aos tempos primitivos e seu espírito é tão velho quanto o mundo, pois, ainda na pré-história, as crianças para quem não havia normas de ensino nem escolas disciplinadas e cuja mestra era a Natureza palpitante e dinâmica, aprendiam fazendo, e era assim que imitavam as pessoas com quem conviviam, exercendo livremente a sua atividade se tornavam hábeis caçadores, pastores, guerreiros, construíam seus instrumentos, conforme a evolução de seu tempo, justamente porque não se detinha a eclosão de sua atividade e não se lançavam pelas à sua liberdade natural.

E, baseando na atividade livre e pessoal da criança, é que em todo o mundo civilizado é intenso o movimento pro-escola ativa no qual a preocupação da professora é ministrar o ensino de acordo com as necessidades da vida e do meio social do aluno, conseguindo por este meio, o interesse da classe e conhecendo de perto e melhor a tendência de cada aluno.

Nas atividades consideradas extra-programa é que o professor tem melhor oportunidade de conhecer seus alunos, portanto sendo atividades indispensáveis na escola nova.

Iniciarei o meu plano falando sobre o "AUDITORIUM" que é o complemento das aulas, realizado pela criança e para a criança. — É uma atividade das mais vantajosas e a que maiores valo-

res educativos encerra. Influe no desenvolvimento físico, moral, intelectual, emocional e social dos alunos; logo, não deve ter o caráter de uma simples festa, mas será uma aula muito rica e recreativa em que as crianças apresentarão o resultado de seus trabalhos, transmitindo às outras suas informações e experiências, seus conhecimentos, etc.

ORGANIZAÇÃO DO AUDITORIUM

Os alunos devem participar na organização do programa cuja escolha será exclusivamente sua. Não deverá constar de uma cerimônia fria e invariável, com os mesmos números, as mesmas crianças, porque precisamos evitar a rotina, e sim, constar de um plano de um certo preparo prévio, mas não um ensaio formal, porque este tira-lhe a espontaneidade.

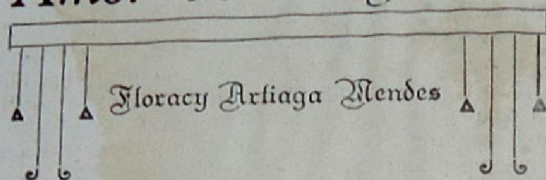
Os assuntos devem estar de acordo com o desenvolvimento dos alunos e com suas experiências, para que a espontaneidade não seja substituída pela artificialização.

Deve ser realizado uma vez por semana dentro do horário escolar e, para dar aos alunos hábito de pontualidade e não perturbar os trabalhos do dia, começará à hora marcada.

Para controlar a organização do Auditorium no curso primário, o diretor do estabelecimento deverá destacar comissões de professores, senão um para cada semana, os quais devem tomar os números organizados pelos alunos, que serão apenas guiados pelo professor nas diversas classes. O 2º processo é melhor porque não só dará a todos os professores a oportunidade de dirigir o auditorium lidando com todos os alunos, como também haverá a cooperação de todos.

O êxito do Auditorium, depende da boa vontade de todos os professores, que devem conhecer bem os seus valores e por ele interessar-se. Uma vez ou outra, o Auditorium poderá ser solene, mas, simples e natural, não tolhendo seu ponto principal que é — dar iniciativa e espontaneidade aos alunos.

Amor do Magistério



O amor à profissão é indispensável a qualquer carreira, por mais humilde e menos intelectual que seja.

O comerciário, o carpinteiro, o mecânico, profissionais modestos, se bem orientados por um ideal de acordo com a sua forma de vida, são células ativas e úteis na construção da sociedade. Ao passo que, se lhes falta o pendor íntimo, o gosto profissional que suaviza tôdas as amarguras do trabalho, mau grado todos os salários mínimos e todos os horários higienizados, serão perenes desajustados sociais . . .

Das Faculdades de Direito e de Medicina, saem muitas vezes verdadeiros enciclopedistas e esculápios munidos de respeitável bagagem científica que, no entanto, se divorciam do apostolado sublime que poderiam brilhantemente realizar na vida prática.

Tudo isto, talvez, porque lhes faltou, na ocasião oportuna, uma concepção real da carreira escolhida ainda nas indecisões crepusculares da adolescência, a idade dos "interesses éticos e sociais" exaltados, em que a paixão das carreiras nobres falaria mais alto que os impulsos da legítima vocação.

Ou porque, quem sabe? não teriam encontrado durante o curso, o entusiasmo e a satisfação desejada, pois os professores talvez se preocupem exclusivamente com ensinar, instruir, cultivar o espírito, sem cogitar de preparar para a vida, sem exercer o seu prestígio para incutir o AMOR à carreira para que se estão preparando.

Aí está a questão para meditação dos ilustrados professores das Escolas superiores.

O mesmo acontecerá ao magistério primário se os encarregados da sua formação profissional não cuidarem de imprimir uma feição tipicamente técnica ao seu preparo, ao mesmo tempo que lhe proporcionando oportunidades de expansão e aperfeiçoamento, sob uma orientação sábia e

entusiástica.

Procurar incutir calor, vitalidade, atividade ao magistério, fazendo-o trabalhar na ânsia de melhorar e evoluir em benefício da Pátria e da sociedade, tal é o dever precípuo daqueles que orientam a educação.

Se a outras carreiras é indispensável essa formação de mentalidade profissional, com muito maior razão no magistério, pois é inadmissível, insustentável, o desempenho dessa espinhosa missão á quele a quem não anime a flama sagrada de um ideal superior dentro dos seus interesses de trabalho.

Isto principalmente diante da técnica da Escola Nova, cujos métodos e processos exigem do professor muito maior cultura e dedicação e, especialmente, um excepcional poder criador, impossível de subsistir à míngua de inspiração e ideal, quais flores de estufa no terreno árido do ceticismo profissional.

Sem amor à profissão, qual professor terá espírito de sacrifício, perseverança no estudo, gosto pela cultura, estímulo para progredir e acompanhar a evolução dos métodos pedagógicos, criar alguma coisa nova, e lutar verdadeiramente pelo ideal da educação?

Nenhum, podemos afirmar. O magistério é um sacerdócio e como tal, exige inteira consagração, espírito de renúncia, fé, idealismo, constante evolução intelectual, o que não é possível adquirir sem muito esforço e muitas vezes, até sacrifícios . . .

Cumpre-nos a nós, professores de futuros professores que hoje cursam as Escolas Normais de todo o Estado, não simplesmente transmitir aos nossos alunos os conhecimentos que constituem a matéria ensinada, mas, principalmente, formar a sua mentalidade profissional, incutir-lhes no espírito a ânsia do aperfeiçoamento constante na carreira e, acima de tudo, dar-lhes uma superior concepção de vida e de ideal que os oriente pela existência em fora e os faça vibrar de entusiasmo e de amor pela sua nobilíssima missão.

“Os vícios e as virtudes são produtos, como o açúcar”.

Zola.



Centenario do Liceu de Goiaz

Pedro Viggiano

Inspector Geral de Ensino do 2.º grau

Nesta manhã friorenta do mês de São Pedro, eu recordo, com saudade, o meu velho tempo de estudante ginásiano na histórica e pitoresca Vila-Boa, quando aluno do antigo Liceu Goiano, estabelecimento que em 20 de junho deste ano completou seu primeiro século de criação... Esbatidas na névoa de minha recordação eu vejo as figuras, tanto mais queridas quanto mais distantes, dos queridos Mestres Constâncio Gomes, Francisco Ferreira, Vicente Miguel, Borges dos Santos, Henrique Péclat, o bondoso, Chefe de Disciplina Zeca Perilo... o bom e leal amigo Humberto de Andrade, inspetor de alunos, seresteiro nas noites enluaradas e as sombras que ficaram dos colegas que partiram...

Quantas recordações!... Goiaz... o velho Liceu por onde tem passado toda uma plêiade de homens ilustres de minha terra, que lá pontificaram e pontificam ainda. Ali, no velho educandário, fundado graças aos esforços titânicos do então presidente da Província Dr. Joaquim Inácio de Ramalho, mais tarde Barão de Ramalho, adquiriram conhecimentos básicos para ingresso em Cursos Superiores várias gerações de moços goianos que depois se distinguiram em engenharia, farmácia, medicina, direito, no magistério, no campo político, na tribuna e no jornalismo. O nome do grande Ramalho ficará gravado, indelévelmente, nas páginas da história do ensino em nossa terra *per omnia secula*...

De 1846, de junho desse ano longínquo para cá, podemos falar do ensino secundário em Goiaz. Vamos, assim, registrar dentro de alguns meses, a passagem do primeiro Centenário do velho Liceu. A frente do Departamento de Educação e nas Diretorias do Colégio Estadual e do Ginásio Oficial da cidade de Goiaz estão três velhos e grandes Mestres da velha guarda, três mosqueteiros do ensino: Professores Alfredo de Castro, Agnelo Fleuri e Alcide Jubé. Eles estão vivamente empenhados no sentido de fazer com que a extraordinária ocorrência histórica não passe despercebida. Entendemos que o assunto não deve ficar a cargo apenas dos poderes públicos. As instituições culturais em geral, os professores, os antigos alunos, devem tomar interesse pelo transcórre do Centenário de um dos estabelecimentos de ensino secundário mais antigos do Brasil, cuja equiparação ao Ginásio Nacional fôra requerida no dia 17 de dezembro de 1906 pelo saudoso Dr. João Alves de Castro a quem esse estabelecimento deve relevantes serviços, sendo então, no começo do ano seguinte, nomeado fiscal provisório o Sr. Dr. Jerônimo Rodrigues de Moraes. Mas, só no ano seguinte, em virtude do decreto nº. 6.630 de 5 de setembro de 1907, obteve equiparação, ficando o nosso Estado dotado com um estabelecimento de ensino que pode competir com os mais adiantados do País.

O atual Colégio Estadual, ex-Liceu de Goiaz, foi criado pela Lei n.º 9, de 20 de junho de 1846. A passagem do seu primeiro Centenário, porém será comemorado no próximo ano, isso em virtude de sua instalação ter se dado no dia 23 de fevereiro de 1847. A solenidade compareceram tôdas as autoridades civis e eclesiásticas e o presidente da Província de Mato-Grosso que se achava de passagem na antiga Capital, rumo à Cuiabá. A 5 de julho de 1850 foi dado novo Regulamento ao Liceu, substituído por um outro seis anos depois — o de 1.º de dezembro de 1856 ficando o ensino distribuído da seguinte maneira: francês, aritmética, geografia e história, geometria, 1.ª aula de latim, 2.ª aula de latim e filosofia racional e moral.

A resolução n.º 417, de 7 de novembro de 1868, autorizou o Governô a mandar fechar o Liceu logo que fosse organizado e instalado o Seminário Episcopal; mas felizmente, essa resolução jamais foi executada, graças a Deus. . .

Pela resolução n.º 499, de 9 de julho de 1873, foi autorizado o presidente da Província a conceder, anualmente, até a quantia de Cr\$ 3.000.00 a cinco estudantes pobres, filhos da Província, que havendo cursado o Liceu, estivessem matriculados no terceiro ano de qualquer das academias do Império.

Por motivo de sua equiparação ao Ginásio Nacional, pelo decreto 1855, de 23 de fevereiro de 1907, foi expedido novo Regulamento, sendo as matérias professadas naquela época as seguintes: Português, francês, inglês, alemão, geografia, matemática, astronomia e mecânica, latim, grego, desenho, literatura e lógica. Mais dois regulamentos foram expedidos: um no segundo govêrno do Desembargador João Alves de Castro, no ano de 1918 e outro na administração do Dr. Brasil Ramos Caiado, em 1925.

Até 1893 o Inspetor Geral da Instrução era o Diretor do Liceu; mas o decreto n.º 21, de 2 de dezembro dêsse mesmo ano, determinou que êste último cargo fosse exercido pelo Diretor da Secre-

taria da Instrução, Indústria, Terras e Obras Públicas.

Atualmente o cargo de Diretor é exercido por um professor comissionado pelo Governô.

Pelo decreto-lei n.º 4, de 27 de novembro de 1937, o velho estabelecimento que funcionou, durante noventa anos ininterruptos, na velha e histórica cidade fundada pelo ousado bandeirante paulista, em julho do recuado ano de 1726, foi transferido para Goiânia "tendo-se em vista os superiores interesses da instrução, por não ser aconselhável que fique a Capital do Estado desprovida de Ginásio", conforme se lê num dos consideranda do decreto de transferência. Mas, felizmente a cidade de Bartolomeu Bueno, a cidade que o Barão de Ramalho dotara com um estabelecimento de Instrução não ficou privada de um Ginásio e graças aos esforços do então prefeito Dr. Edilberto da Veiga Jardim, Professores Francisco Ferreira e Alcide Jubé, além de outros, coadjuvados pela boa vontade do honrado ex-Interventor Pedro Ludovico "por considerar que o problema da instrução pública merece todo o interesse dos Poderes Públicos" baixou o decreto-lei n.º 447, de 27 de janeiro de 1938, criando uma sucursal do Liceu, na cidade de Goiaz, transformada, hoje, em Ginásio Oficial e, quem sabe? talvez Colégio amanhã, como recompensa à retirada do velho Liceu da antiga Capital e homenagem à memória do Dr. Joaquim Inácio de Ramalho, o grande Barão de Ramalho. . .

X X X X X X

Funcionou o velho Liceu em um prédio da antiga Secretaria da Fazenda, primitivamente. Mais tarde em um outro, amplo e arejado, sito no largo do Chafariz, pertencente aos herdeiros do Desembargador Jerônimo Fleuri Curado, para mais uma vez ser transferido para o prédio de doação do suplente de deputado da Assembléia Geral Legislativa do Império Dr. João Gomes Machado Corumbá que passou por várias reformas e onde funciona atual-

mente o Ginásio Oficial de Goiás, já completamente reformado.

No antigo Liceu era ministrada uma aula de Geometria paga a (Cr\$ 100,00) cem cruzeiros mensais por força de um legado feito pelo Dr. Corumbá. É interessante conhecer o texto do testamento desse grande goiano amigo da instrução em nossa terra:

"Julgando preciso fazer agora o meu testamento, declaro que não tenho pai, nem mãe, nem filhos, sim dois irmãos, dos quais a fêmea D. Ana Gomes reconheço por tal e o macho Francisco Gomes Machado, desconfio ser menino trocado. A nenhum deles devo obrigação e ao macho devo aversão, porque reconheço ter sido o opressor de todo indivíduo da família, e ele agora apenas ele o é em qualquer desgraça a qual ele costuma aumentar consideravelmente. Portanto tendo-lhe eu feito o benefício possível e gratuito que a lei alguma me obrigava, estando quites para com ele, do que me passou quitação em data de antes de ontem e estando ele sem filhos é para Goiás rico. Instituo a Nação Brasileira por minha universal herdeira. O cabedal, que houver, será entregue ao ministro do Imperador e o Imperador macho ou fêmea somente, nunca a regentes, o qual ministro fôr da Instrução Pública e será constituído capital em renda e esta aplicada para a propagação da Geometria na Província de Goiás ou nesta Capital ou vila de Santa-Cruz onde nasci (e podendo ser, em ambas as partes). O ensino se fará sob direção do dito Ministro, salvo se uma lei sancionada pelo Imperador mudar esta direção. Nasci e pretendo morrer na religião, digo, cathólica, apostólica Romana. O meu funeral (podendo ser) será com mediocre aparato: Cidade de Goiás, 5 de dezembro de 1844, João Gomes Machado Corumbá."

Filologia e Historia

Goiás a um Século

Paulo Emilio Póvoa

Não são muitos, relativamente a outros Estados, os livros consagrados ao estudo de Goiás. Dentre os antigos e não goianos, encontramos os historiadores Silva e Souza considerado o pai da nossa historeografia, Cunha Matos Alencastre, Saint-Hilaire, Aires do Casal, Couto de Magalhães, Castelnau, etc.; e, dentre os modernos: Americano do Brasil, Joaquim Bonifácio, Coleman Natal e Silva, Vitor de Carvalho Ramos, todos eles goianos.

Mas, muitos outros têm contribuído com valiosos estudos sobre a nossa terra, alguns em obras de âmbito nacional. Dentre estes está o nome ilustre de J. C. R., Millet de Saint-Adolphe, autor do "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil", obra coligida e composta durante 26 anos de residência e de longas peregrinações por diversas províncias do Império. O referido Dicionário foi publicado sob a direção literária do editor Aillaud, em Paris, no ano de 1845. Conquanto nem sempre seja fiel como Silva e Souza e Cunha Matos, pois que não residuiu na província goiana, Saint-Adolphe fez obra apreciável, de que é amostra a seguinte descrição desta cidade, da qual só estranhamos a não citação da igreja de Sta. Bárbara, já existente naquela época, figurando, porém, a de N. S. das Barrocas, da qual nunca ouvimos outra referência:

"Goiás — cidade do Brasil, capital da província de seu nome, assentada num vale nas duas margens do ribeirão Vermelho, em 16 graus e 20 minutos de latitude, e em 51 graus e 40 minutos de longitude ocidental. Pode-se quase dizer que esta cidade se acha no centro do Brasil, estando 370 léguas ao sul da cidade de Belém, e quase a outra tanta distância da de Porto Alegre, e a 240 léguas do mar oceano e igual distância dos Estados do Peru. A história da fundação desta cidade, sendo a mesma que a da província, por evitar repetições, referindo-nos no artigo precedente, diremos que o conde de Sarzedas, D. António Luiz de Távora, governador desta província, em cumprimento duma ordem régia de 11 de fevereiro de 1736, foi a Goiás eleger um lugar para fundar uma vila, que foi ele quem instalou na povoação de Santana o primeiro ouvidor da comarca, e estabeleceu juizes ordinários e tabeliães em todos os povos na jornada que fez em 1737; que foi também em

companhia do ouvidor Dias da Silva visitar o norte da comarca, onde havia grandes discórdias e desavenças entre os habitantes por ocasião dos novos descobrimentos, querendo uns que pertencessem à província de São Paulo, e outros à do Maranhão. Voltando desta jornada faleceu o conde de Sarzedas na povoação de Traíras, e a de Santana não foi solenemente elevada à categoria de vila senão no ano de 1739 por D. Luiz de Mascarenhas, que lhe pôs o nome de Vila Boa de Goiás, em memória da probidade e fidelidade de Bueno filho, o qual faleceu três anos depois com 74 anos de idade, e para perpetuar igualmente a lembrança da nação hospitaleira que havia quase inteiramente sucumbido ao mortífero chumbo dos aventureiros que tinham ido em demanda de minas de ouro, e que era tida por tronco principal de tôdas as tribus pacíficas da província. Teve o senado da câmara de Vila Boa a sua primeira sessão a 1.º de abril do mesmo ano em que fôra criada. No de 1744 um alvará de 8 de novembro desanexou da província de São Paulo o território de Goiás, criando-o província independente daquele governo. O conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, que tomou posse do governo da nova província na qualidade de governador quatro anos depois do alvará acima citado, estabeleceu em 1750 uma fundição de ouro em Vila Boa e fez edificar a expensas dos habitantes uma nova igreja muito mais sólida que a primeira. No governo de seu sucessor, D. Alvaro Xavier Botelho, conde de São Miguel, foi esta igreja elevada à categoria de paróquia por ordem régia de 1758, mas o primeiro vigário não entrou de posse senão passados quatro anos. O governador João Manoel de Melo, que sucedeu ao conde São Miguel, estabeleceu na vila, em 1762, a tesouraria da província, e mandou fazer a cadeia em cumprimento das ordens que para êsse efeito recebera. José d'Almeida de Vasconcelos de Sobral e Carvalho, que o veio render, mandou fazer uma fonte e uma ponte sobre o rio Vermelho. Seu sucessor Luiz da Cunha Menezes recebeu em Vila Boa, com grandes demonstrações de amizade, uma deputação de 40 índios caiapós, os quais dali em diante se tornaram mais tratáveis, e se converteram em fiéis aliados do governo. Deve-se a êste governador o alinhamento das ruas da cidade e a demarcação de seu distrito, bem como o concerto de três pontes, e a alamêda de árvores que servia de passeio público. Um recenseamento feito em 1804 provou que a povoação desta capital da província era então de 9.475 entre livres e escravos. Tendo esta província sido dividida em duas comarcas em 1809, Vila Boa foi cabeça da de Goiás. Um alvará de 25 de maio de 1815 criou nesta vila uma junta de justiça provincial composta do governador da província, do ouvidor da comarca e do juiz de fora da vila, e sentenciava a final, e uma carga régia de 17 de setembro seguinte lhe concedeu as honras de cidade. Esta cidade é atualmente o lugar de residência do governo e da assem-

bléa legislativa da província. Nela residem o presidente o governador das armas e o bispo de Goiás. O calor é extremo no verão, mas temperado cada noite pelas virações. O sítio onde jaz a cidade é desigual, as ruas mal calçadas, e as casas as mais delas térreas. Os edifícios mais notáveis são o palácio do governo, a casa da câmara, a cadeia, a fundição de ouro, o matadouro, o passeio público, e duas pontes sobre o rio Vermelho, que separa a cidade em duas partes e que apenas admite canoas. Há também nesta cidade um hospital de caridade que, por decreto da assembléa geral de 10 de julho de 1832, recebeu uma prestação de . . . 1:200\$000 réis por ano até a instalação da assembléa legislativa provincial de 1835. Possui esta cidade duas escolas de primeiras letras, uma para meninos e outra para meninas, uma cadeira de latim, outra de filosofia, e também de geometria e de francês, uma igreja paroquial dedicada a Santana, a de São Francisco de Paula, com mais seis outras com as invocações de N. S. da Abadia, das Barrocas, da Boa Morte, do Carmo, do Rosário e da Lapa. Esta última igreja, uma parte da cidade e as habitações das margens do rio Vermelho e das de seus afluentes, foram destruídas na cheia de 18 de fevereiro de 1839, sendo avaliada a perda em 81.217\$200 réis. Consiste o comércio desta cidade nos objetos ordinários do consumo, por isso que o luxo ainda não pode penetrar no interior dela. A assembléa legislativa da província que ali tem as suas sessões compõe-se de 20 membros, em conformidade da lei das reformas da constituição de 9 de agosto de 1834. No ano seguinte dividiu esta assembléa a província em cinco comarcas, a que recebeu o nome de Goiás encerra as vilas de Crixá, de Meia Ponte e do Pilar, com seus respectivos distritos além do da cidade.

A QUESTÃO DO ENSINO

“A nosso ver a chave misteriosa das desgraças que nos affligem é esta e só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miséria. Eis a grande ameaça contra a existência constitucional e livre da nação; eis o formidável inimigo, o inimigo intestino, que se asila nas entranhas do país. Para o vencer, releva instaurarmos o grande serviço da “defesa nacional contra a ignorância”, serviço a cuja frente incumbe ao parlamento a missão de colocar-se, impondo intransigentemente à tibieza dos nossos governos o cumprimento do seu supremo dever para com a Pátria”.

(RUY BARBOSA — Discursos parlamentares).

Uma paz duradoura e um héroi esquecido

Zoroastro: Parliaga

Na era setecentista os donatários de Goiaz viveram entre os capitães-de-mato, ombro a ombro, com garimpeiros e escravos adquiridos nos mercados do Rio e de Santos que eram conduzidos em comboios para os sertões. Historiadores e literatos dramatizaram os acontecimentos das fazendas e das senzalas do Oeste. Sucediã-se os episódios sangrentos que estão na história dos índios, história essa que ficou escrita tal qual a tragédia tremenda dos escravos.

Os capitães generais impelidos pelos conselhos dos padres católicos, a partir de 1775, quando era govêrno José de Almeida e Vasconcelos, quiseram dar aos homens das selvas um pouco de paz e de sossêgo. Seus relatórios para Lisboa levaram rogativas em favor dos selvagens que, afinal de contas, não eram, em verdade, como diziam: bichos do mato. Um dia José de Almeida mandou chamar a um militar muito prático dessas viagens através dos sertões, homem afeito à vida rude, bom, inteligente e astuto, que tinha jurado bandeira já depois de maduro, experimentado e treinado para qualquer expedição arriscada.

Era moreno, cabelos castanhos, bigodes grandes e pretos; barba cerrada, olhos pardos, tez bronzada pelo nosso sol escaldante, atestando as grandes escaladas: o alferes José Pinto da Fonseca.



José Pinto apresentou-se sem demora à sala das Ordens, que era mesmo na entrada do Palácio do Govêrno construído pelo Conde dos Arcos.

Alguns momentos depois achava-se na presença do capitão general a quem fez uma continência em regra. José de Almeida falou ao Alferes que tinha resolvido dar-lhe u'a missão arriscada e perigosa em que talvez perdesse a vida.

— Seja qual fôr a incumbência que V. S. haja resolvido a confiar-me, eu a aceitarei, pois é êsse o meu dever militar, dever de obediência às ordens de V. S., principalmente se fôr para pegar algum valentão.

— Não se trata de capturas, Alferes, respondeu José de Almeida, trata-se da organização de uma caravana que deverá percorrer a região de uma grande ilha e as suas cercanias, afim de desenvolver uma ação de pacificação dos índios Carajás e Javaés que habitam aquelas paragens.

— Quando deverei partir? perguntou o Alferes.

— Imediatamente. Procure falar com os homens fortes e valentes a quem poderá convidar para essa aventura e forneça lhes o necessário para uma demora de seis meses. Já dei ordens para que a Tesouraria Provincial financie os seus gastos. Faça logo um orçamento apresente uma relação ao Tesoureiro para que tudo se arranje rapidamente antes da chuva de cajú.

O Alferes ao ouvir as últimas ordens, perfilou-se e pediu permissão para se retirar.

— Seja prudente e procure não sacrificar vidas.

— Tudo farei. E retirou-se do Palácio.

Seria 3 horas da tarde do dia 3 de junho de 1775.

A 15 de junho subia a rua buscando o alto da Barreira do Norte às oito da manhã um préstito singular: praças de polícia com armas sobre os alçôes das cotucas, cerca de cem indivíduos carregados de mochilas, arrastando alpercatas pela estrada afora, acompanhados de 20 mulas de carga. Iam carregados de víveres e munições, esta gente era a bandeira do Alferes que rumava para Oeste em notável missão civilizadora. O Alferes ia na frente a passo compassado do seu matungo, seguido de vários cães de caça de tipos diferentes atrelados.

Várias mulheres integravam a comitiva: umas para cuidar da bôia dos expedicionários, outras que sabiam alguma coisa da língua Carajá; todas elas admitidas mais para facilitar a aproximação com os índios, porque quem vai brigar não leva mulheres e os índios compreenderiam as intenções pacíficas de José Pinto.

As cornetas ecoavam rua acima anunciando que a coluna começava a marchar rumo Oeste.



Vila Boa agitou-se toda para assistir, até sumir de vista, a partida dos soldados, que levaram um frade dominicano e uma índia chamada Xuanampíá residente na Vila, para conversar com suas irmãs selvagens.

A viagem durou 24 poucos, estrada do Norte, até a Ilha de Santana, onde José Pinto abarracou-se com sua gente e fez uma base afim de dar começo às suas pesquisas.

O capitão José Machado o descobridor da Ilha havia relatado que existiam aldeamentos à margem oriental do Rio Araguaia.

O Alferes encontrou os ranchos destruídos por incêndios. Fez vários reconhecimentos por

terra e por água, até encontrar vestígio dos índios. Voltando à base o alferes mandou rufar os tambores à noite, fazer fogueiras e dar salvas afim de despertar a atenção das tribus. Os índios ouvindo os rumores, desde a chegada já andavam pelas imediações disfarçados, ariscos, como até hoje o são. Custou bastante que dessem sinal de sua presença. Os intérpretes gritavam em língua carajá suas boas intenções, repetindo, matto a dentro, o seguinte:

"Compadre viemos em nome de papai grande convidar a vocês para a vida em sociedade; ele dará presentes, defenderá vocês contra os chavantes. Somos amigos de vocês trazemos fumo, rapadura, cachaça e brincos para ao orelhas de suas mulheres.

Venham ao nosso rancho tragam as comadres para escolher os presentes".

Esta mensagem fôra repetida por várias noites seguidas.

x x x

Pela manhã de 28 de junho apareceram no acampamento alguns Carajás, medrosos e desconfiados.

O alferes Pinto avisado da visita veio imediatamente ter com eles, sorrindo, desmanchando se em mesuras; e para dar-lhes confiança veio sem arma alguma. Ofereceu-lhes fumo, cachaça e rapadura, depois de provar, comendo e bebendo, que não havia veneno nem feitiço.

Os intérpretes fizeram tudo para dizer-lhes dos bons intuitos da expedição. Contudo os selvagens não prestaram informação alguma.

Foi-lhes oferecido almoço que não quiseram aceitar, nem café, porém demonstraram um grande interesse por tudo que viam: objetos,



utensílios, rédes, calçados, etc.. O alferes fez quanto pôde para produzir nêles boa impressão. Por volta das 3 horas da tarde a embaixada retirou-se.

Na manhã seguinte o alferes foi avisado pelos latidos dos cães que havia índios em redor da tenda. Mandou rufar os tambores e tocar harmônica para dar aos novos visitantes impressão de paz. Xuanampíá foi chamada, assim como chamaram também os intérpretes à tenda do comandante para constituir a comissão de recepção.

E êstes em altas vozes passaram a chamar os selvagens: "Pode chegar, compadres; aqui estamos para visitar a vocês. Viemos trazer ferramentas e mostrar cartas de Papai grande, convidando vocês a fazer amizade com êle".

Horas depois a tenda encheu-se de homens despidos e carrancudos, horríveis na sua tatuagem caricata, mal cheirosos, cabelos pretos e lisos, olhos apertados, espadaúdos, rosto redondo, sem contudo levarem sinal de hostilidade. Não veio uma única mulher.

X X X

Rodeados na barraca do alferes Pinto que confiava o seu bigode, enrolando-o, torcendo-lhe as pontas, vergava seu uniforme de festa para produzir influência nos gentios. Os índios acoçavam-se, num meio círculo. Ao fundo a praia do Araguaia, alvíssimo lençol de arêia emoldurando o espelho das águas limpas sombreadas por arvoredos floridos. Quem falou primeiro foi o cacique:

— Estamos aqui, eu e meu estado maior, porque ouvimos o que foi dito à noite a respeito das boas intenções do Governo de viver em paz com os carajás e javaés. Não lóra saber da sinceridade do governo da província não viríamos aqui, porque os cristãos destruíram nossas aldeias, assassinaram mulheres e crianças e levaram troféus e relíquias sagradas que encon-

traram em nossas malocas. Êles destruíram a ferro e a fogo, todas as aldeias dos índios Goiazes, de modo a não restar hoje um só remanescente. Se não fizemos aliança com o governo da Província vai acontecer nos o mesmo. Os goiazes eram nossos amigos e parentes. Todos tomaram pelo chumbo dos garimpeiros e pegadores de índios. Entre nós há muitos que ainda estão de luto por morte de nossos guerreiros assassinados pela gente do capitão José Machado, invasor desta nossa Ilha.

Mas aqui viemos para escutar as condições da aliança e o que pode oferecer para que possamos viver tranquilos.

O alferes ouviu atenciosamente as palavras do cacique que reconheceu justas e respondeu:

— Antes de explicar a razão que aqui me traz, vou entregar-lhe os presentes que o capitão general José de Almeida deu nos para trazer para sua gente. Receba-os e os distribua com justiça. Mandou abrir alguns caixões de pinho, e fez entrega dos machados, enchadas, foices, podões, facões de mato, linhas de pescar, pacotes de fumo, baêtas, grampos, pentes, travessinhas, cobertores e outros objetos.

Houve muita alegria e alguma falta de bom comportamento, por cobiça, entre o estado-maior do príncipe.

Êle porém, tinha autoridade e restabeleceu a "linha" de sua gente. O alferes prosseguiu:

— Você bem sabe meu cacique, que o governo atual não tem culpa do que houve no passado. Bandeirantes e garimpeiros; todos êles metiam-se pelo mato pela cobiça de ouro; e vocês defendiam as suas terras, supondo que êles viessem tomá-las.

Tudo quanto a vista alcança é terra desocupada. Vocês andem 4 luas para qualquer rumo, e terão pisado só terras livres, terras do Estado. Fiquem tranquilos, nada queremos de vocês senão proteger, por espirito cristão, a

vocês todos, do frio, das febres-terças, da fome e da guerra, tribu contra tribu.

O governo manda oferecer-lhes proteção. O que ele quer é que vocês não ataquem viajantes; que sejam mansos, pacíficos, ordeiros, que não constituam um obstáculo ao progresso de Goiás, na sua marcha para a civilização.

Não haverá obrigações para vocês senão esta de serem boas e de prestarem auxílios aos cristãos que aparecerem em suas terras.

Se eles praticarem crimes ou faltarem ao respeito às suas mulheres bastará uma queixa sua e o governo os prenderá na cadeia grande do largo, recentemente feita para isso.

Aqui está um ministro de Deus que os convida a fazerem-se cristãos para que possam receber a proteção divina do pai dos céus, que, sendo vocês pagãos, não conhecem.

Ouvindo isto o príncipe declarou que só daria a solução depois que ouvisse a todos da sua tribu. E despediu-se.

X X X

Ao amanhecer de 28 de junho a tenda de José Pinto estava literalmente cheia de carajás. Entre a indaiada encontravam-se duas princezas, filhas do maioral Alve-Noná, sendo que a mais velha chorava ainda a perda de um filho assassinado em 1754 por Antônio Pires de Campos (Pai) quando preava no Rio das Mortes.

A infeliz Mãe expôs ao alferes a sua paixão e pediu-lhe que punisse duramente o assassino. Odiava a todos os cristãos, porque o velho Pires os havia tapeado com uma falsa amizade para depois cair, de surpresa, sobre as aldeias, assaltando-as por altas noites, matando mulheres, crianças e velhos, e capturando mancebos para escravos. Disse, por intermédio da índia intérprete, que, por voto dela, não haveria paz com os brancos, o que haveria era sangue porque tudo isso era pouco para vingar o seu filho, po-

rém que todos temiam os chavantes e queriam a proteção do governo.

O alferes ouviu em silêncio a princesa e mostrou-se comovido. Torceu as pontas do bigode e limpou os olhos marejados diante daquela expressão de amor materno, lá das profundezas da floresta. Depois falou comovido:

— Minha senhora, eu choro a sua dor e lamento a traição do governo de Mato Grosso. Todos os cristãos também o chorarão quando souberem da história desses assaltos traiçoeiros para matar, prender e cativar os índios.

Entre nós não há escravagistas. Um dia a História do Brasil estigmatizará esses preadores, e os apontará como bárbaros. Prear brasileiros para vendê-los nas feiras paulistas, deixando atraz um rastilho vermelho tingindo as folhas do mato por onde todos, quando crianças, brincavam de esconder! O Brasil não tem a raça preta predestinada para a escravidão; mesmo essa será um dia redimida. Minha senhora, visto a senhora não ter filho e visto eu não ter mãe, de ora em diante serei o seu filho, e a senhora será a minha mãe e como tal a recebo para o resto da vida."

Ouvindo isto os índios fizeram grande demonstração de alegria.

Foram buscar as mulheres que estavam amoitadas e fizeram, juntamente com os Javaés, a cerimônia da paz e da solenidade da aliança que consiste no seguinte: Postarem-se em filas com os chefes militares à frente. Feito isto aos gritos de comando marcharam três vezes uns contra os outros, indo e voltando.

Formaram um grande círculo e houve uma luta de dois índios carajá e javaé.

Ressoavam os gritos de alegria entre os assistentes.

Terminada esta luta simbólica Alve-Noná tomou-os pelas mãos e os levou perante o Alferes, para proferir o juramento de fidelidade. E

os dias correram monótonos.

A 26 de julho o frade dominicano rezou a missa histórica da Ilha de Santana, foram batizados muitos índios, depois da qual José Pinto regressou a Vila Boa trazendo numerosos selvagens para testemunhar o feliz resultado da sua expedição.

Foi o único tratado de paz que jamais fôra violado.

Os carajás e javaés do Alto Araguaia de hoje respeitam os brancos.

A memória de José Pinto porém vive esquecida dos goianos porque era um simples alferes. Ele realizou outras expedições que a seu tempo e na relatividade dos recursos da Província representavam uma grande obra digna, por todos os motivos, da gratidão de seus contemporâneos.



A FORMAÇÃO DO PROFESSORADO

A primeira preocupação de quem pretende transformar os velhos moldes rotineiros da educação têm de ser a formação de um professorado novo, cômico de sua responsabilidade e cheio de nobre entusiasmo pelos ideais educativos — Claparède.

— PARA EVITAR A FADIGA —

O trabalho deve ser interrompido por pequenos intervalos para descanso. O trabalho contínuo, horas consecutivas, leva rapidamente à fadiga e predis põe aos acidentes e moléstias profissionais. Procure evitar a fadiga, intercalando no trabalho pequenos intervalos para repouso. SNES

Educação Sanitária

Problema da Maternidade e Infância

DR. RANIER DE PAULA

Médico sanitarista do Departamento de Saúde de Goiás, Chefe do serviço de Higiene Pre-natal do Centro de Saúde de Goiânia

O título acima aborda uma questão que muito tem sido estudada por parte das autoridades sanitárias, e, por maior que seja a boa vontade de todos há sempre faltas a reparar. Sabemos pelos dados estatísticos fornecidos pelas repartições competentes, que o coeficiente de mortalidade materna e principalmente infantil é alarmante. Em um país como o nosso, de vasta extensão territorial, o problema de amparo à maternidade e à infância é de difícil execução. A grande massa de população da zona rural, longe das cidades onde funcionam os Postos de Puericultura se vê desamparada de serviços médicos, inteiramente entregue à sua ignorância, pagando por isso elevado tributo em vidas humanas, contribuindo involuntariamente para elevar os coeficientes de mortalidades materna e infantil. Seria útil que os órgãos encarregados do serviço de Amparo à Maternidade e Infância mantivessem Postos Itinerantes que percorressem as zonas rurais periodicamente, ministrando noções de higiene infantil, ditando conselhos às gestantes e fazendo educação sanitária do povo de modo em geral. Os Postos de Puericultura mantêm serviços médicos de Higiene Pré-natal e infantil, além do lactário com cozinha dietética. Segundo o abalizado Prof. Dr. Clovis C. Costa, para que estes postos sejam eficientes são necessários "que se instale para cada 10.000 a 15.000 habitantes um Posto".

Ao serviço de Higiene Pré-natal compete fazer a puericultura intra-uterina, criando condições propícias para o bom desenvolvimento do feto no seio materno.

Com os conselhos e cuidados do médico do serviço, as gestantes se livrariam das moléstias que possuísem e que prejudicariam o desenvolvimento do produto da concepção; é o caso por exemplo da sífilis, moléstia responsável pela natalidade em alta escala e pelo grande número de abortos, é a grande "abortadora". Os casos de sub-alimentação, hipo-avitaminoses etc., são corrigidos pelos médicos que mediante exames periódicos poderão ainda desvendar os vícios de conformação da bacia, anomalias de apresentação fetais etc., pela providência que tomarão os riscos para as vidas materna e fetal serão em tempo conjurados. Após o nascimento a frequência da mãe ao Posto continua sendo necessária, porque cabe agora à Higiene Infantil "manter sadia a criança sadia" evitando que do estado de higidez, de eutrofia, energia, caia em estado de morbidez, de distrofia, de disergia. Ditará através o médico os conselhos às mães, ensinando-as cuidados a serem observados à criança para que se mantenha sadia durante o seu desenvolvimento. Orientará como evitar os distúrbios alimentares e os maus hábitos.

A Higiene Infantil, mantendo sadia a criança sadia não deixará de aplicar as vacinas preventivas das moléstias infecto-contagiosas como o B. C. G., a anti-diftérica, a anti-variólica, a anti-coqueluche etc., regulará regimes dietéticos para os casos de alimentação artificial etc.. Por estas poucas linhas vemos o grande alcance social dos serviços de Amparo à Maternidade e Infância que concorrem para o aprimoramento físico e mental da raça, constituindo fator preponderante para a grandeza do Brasil.



Palestra realizada durante a Semana da Criança, em 1944,
na Escola Normal Oficial, pela Professora

Maria França Gonçalves

Aqui estamos, atendendo ao patriótico apelo do Departamento Nacional da Criança e da Legião Brasileira de Assistência, para dar o pouco de que somos capaz ao muito que se vem fazendo, no Brasil, em benefício da criança.

O tema especial desta Semana — a proteção à infância em colaboração com a Legião Brasileira de Assistência — é particularmente grato à mulher brasileira, seia mãe ou educadora. E na nossa qualidade de mãe, e de educadora, que pretendemos ser — orientando nossas aulas com a preocupação não só do proveito pedagógico, mas também do proveito educacional, nas suas mais altas finalidades, procurando abrir a inteligência desta mocidade com quem convivemos, à compreensão da Verdade e da Beleza, e inclinar seu espírito à prática do Bem — sentimos-nos feliz em participar, timidamente embora, desta campanha da redenção da criança.

Proteger e amparar a Mãe e a Criança, é não somente um dever de religião ou um ato de humanidade devido a todo homem civilizado; é também um dever cívico para com a pátria, cuja grandeza somos obrigados a construir, conservar e defender — pois, da formação da criança, está em dependência direta o futuro da nacionalidade.

Peço vênias para transcrever aqui, um trecho do discurso do Desor. Dr. Saboia Lima, proferido na Capital da República, durante a Semana da criança, em 1943.

"Da criança de hoje sairá o homem de amanhã. Por isso o Estado tem o dever de proteger os menores, dando-lhes assistência pré-natal, cultivando-os esmeradamente, educando-os, amparando-os, salvando-os da corrupção do vício e do crime, tornando-os fortes de corpo e equilibrados de espírito, de modo que possa fazer de cada geração uma geração melhor e mais perfeita, concorrendo para que a Pátria de amanhã tenha filhos honestos e fortes, capazes de a defenderem e a honrarem com suas obras. Salvando o corpo e o espírito, da criança, disse Paulo Straus, é para a Pátria que se preparam cidadãos, solda-

"dos, uma reserva de forças e vitalidade. Mas, êsse magno problema social de assistência e proteção é tão complexo, abrange tantas modalidades que, para ter solução eficaz, "cumprir começar pela assistência maternal."

x x x x

Ainda há bem pouco tempo, a situação da criança em nosso meio era a mais desoladora: desajustada, abandonada a seu próprio destino, exposta a todos os perigos de ordem alimentar, congênita e infecciosa, sem direitos, sem amparo, ela vivia e morria na sua miserável condição de pária.

Hoje, felizmente, as instituições de assistência social em nosso país colocam-nos no nível dos mais adiantados centros americanos e europeus. Orgulhamo-nos de possuir o Departamento Nacional da Criança, a Legião Brasileira de Assistência, o Instituto Nacional de Puericultura, a Polícia Sanitária, os serviços de profilaxia e higiene, além de grande número de postos de puericultura, lactários, creches, escolas-hospitais, parques infantis, patronatos, asilos, preventórios e orfanatos, mantidos pelo Governo ou pela iniciativa particular. As colônias de férias, organizadas e mantidas pelo Governo Federal, são outra fonte de alegria e saúde para a criança brasileira.

Em Goiânia, além dos relevantes serviços prestados pela Legião à Infância e à Maternidade, é de justiça lembrar-se também a obra altamente social e humanitária do Pósto de Puericultura Santo Antônio e do Preventório "Afrânio de Azevedo".

Mas, o que está feito, não é ainda bastante. Ainda há, por êste nosso Brasil, centenas de crianças ignorantes, maltrapilhas, sujas, desnutridas, doentias, taradas, expostas a tôdas as misérias físicas e morais, aos vícios mais perniciosos e mais grosseiros — a reclamar um pouco da nossa atenção, do nosso esforço, da nossa caridade.

Agasalhar, nutrir, instruir, educar, tornar robustas, honestas e felizes estas crianças, é um dos nossos mais sagrados deveres para com a sociedade, a pátria e a religião.

x x x x

— Professorandas de hoje, nobres educadoras de amanhã: Falando em seu memorável discurso sobre o delinquente menor, o Dr. Saboia Lima cita esta frase de um juiz francês: "On nous envoie ici les enfants; mais ce sont les parents que nous devrions juger."

Mas, poderão ser responsabilizados pelos erros dos filhos êsses pais ignorantes, ineducados, se êles próprios nunca tiveram quem lhes formasse a personalidade, quem lhes orientasse a conduta ou quem lhes indicasse, simplesmente, qual o rumo certo nas encruzilhadas da vida, onde o caminho do dever é sempre o mais áspero e o mais penoso? — Parece-nos, ao contrário, que êsses infelizes nem

pelá sua própria conduta poderiam responder.

A quem deverá caber, pois, a tremenda responsabilidade da educação, no seu moderno conceito de preparação para a vida, dos filhos sem pais, e dêsses "orfãos de pais vivos"? — Ao professor. Não àquele tipo de professor "que ensina", existente na escola tradicional, mas a êste novo tipo de professor "que educa", criado pela Escola Nova. A êste professor, melhor diríamos, a êste educador que sabe objetivar suas aulas, globalizar o ensino, estabelecer o I. R. (índice de robustês) e o Q. I. (quociente intelectual) de seus educandos; que sabe conjugar as teorias do interesse e do esforço, que sabe manter o equilíbrio entre a capacidade de trabalho do aluno e suas tarefas escolares, que conhece os segredos da lei biogênica, e sobretudo que sabe provocar na criança a manifestação de suas tendências instintivas, de suas inclinações e de suas aptidões, estimulando, desenvolvendo e aproveitando as atividades úteis, reprimindo e corrigindo aquelas que possam ser inúteis ou prejudiciais; a êste educador de quem a Escola Nova exige a formação física, moral e intelectual da criança, e o seu preparo para a vida completa.

JOVENS FUTURAS MESTRAS:

Estas foram as palavras que julgamos oportuno dirigir-vos durante as comemorações desta Semana. A sinceridade e a convicção com que foram ditas, dão-nos força para pleitear, em vossos corações, um cantinho para elas.

Caindo, assim, em terra boa e moça, temos a certeza de que germinarão vigorosamente e produzirão os frutos que delas esperamos.

CAIXA DE CORRESPONDÊNCIA

Exmas. Sras. Diretoras dos Grupos Escolares de: Anápolis, Goiaz, Campinas, Cumari, Morrinhos e Goiatuba:

A Revista de Educação e Saúde agradece cordialmente as informações enviadas, que vão beneficiar o serviço de remessa, esperando contar sempre com o seu apoio.

Prof. E. P. da Costa — PLANALTA:

Com prazer, acusamos recebimento da sua prezada colaboração, que será publicada no próximo nº.

NOTA: — As Professoras do Planalto estão brilhando! Cristalina, Formosa e Planaltina, já estão dignamente representadas entre os colaboradores desta Revista.

Sirva o exemplo de estímulo às demais pioneiras da educação em nosso Estado.



Prof. João Odilon
Gomes Pinto

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUANTIDADES NEGATIVAS

Dizem os mestres e está escrito nos compêndios de Matemática que as quantidades negativas são menores que zero e que variam de grandeza na razão inversa do seu valor absoluto.

Vejam-se se isso é verdade.

Em primeiro lugar, a quantidade negativa representa verdadeiramente o excesso de um subtraendo maior que o minuendo.

Não se podendo, em tal caso, subtrair uma quantidade maior de outra menor, subtrai-se a menor da maior e dá-se ao resultado o sinal da maior.

Esse deve ser, portanto, o verdadeiro conceito da quantidade negativa.

Exemplo desse conceito:

Eu tenho um débito de Cr\$ 75,00 que deve ser diminuído do pagamento correspondente para ser anulado.

Mas eu tenho apenas Cr\$ 50,00; e, como não posso diminuir Cr\$ 75,00 de Cr\$ 50,00, diminuo aquele débito de Cr\$ 50,00, com o paga-

mento dessa quantia, ficando ainda um resto de débito, de Cr\$ 25,00, que deve ser ainda diminuído para anulação completa do débito todo que havia.

É assim o caso do excesso de um subtraendo maior que o minuendo.

$$50 - 75 = - (75 - 50) = - 25.$$

Esse resultado indica o débito que deve ser diminuído do pagamento correspondente para sua anulação.

O débito é feito positivamente e só se torna negativo, quando pago pela importância correspondente.

Consideremos, agora, um eixo orientado em que há um ponto intermediário dos extremos, representando o ponto de origem ou de partida para a direita e para a esquerda e designado por (0), sendo as duas partes do mesmo eixo divididas em distâncias iguais. As duas partes indicando direções opostas, as suas distâncias são positivas, porque indicam afastamentos para um e outro lado.

Agora, se considerarmos as distâncias da direita como indicando afastamento do ponto intermediário, ou de origem, e as da esquerda como indicando diminuição de afastamento daquele ponto, ou a aproximação ao mesmo ponto, então, sim, as distâncias que indicarem afastamento serão positivas e as que indicarem diminuição de afastamento serão negativas por natureza.

Mas, sem essa consideração de afastamento para as distâncias de uma das partes e de diminuição de afastamento para as distâncias da outra, as distâncias nas duas partes terão o mesmo sinal, serão positivas, partindo do centro para as extremidades; serão negativas, voltando das extremidades para o centro.

O afastamento de qualquer ponto de um eixo orientado, quer seja avançando, quer seja recuando desse ponto para a direita ou para a

esquerda, se o eixo estiver em posição horizontal; para cima ou para baixo, se estiver êle em posição vertical; e a aproximação ao mesmo ponto, são feitos por graus positivos; mas, como a aproximação anula o afastamento correspondente, os graus de aproximação tornam-se naturalmente negativos.

Em uma mesma escala, os graus positivos tornam-se negativos, quando considerados em sentido contrário.

Um móvel afastando-se do ponto de origem ou de zero, para a esquerda, até uma distância de 1 km., para voltar ao ponto de partida, tem que diminuir 1 km. do afastamento em que se acha; portanto, tem que diminuir 1 km. de 1 km., e tem-se:

1 km. - 1 km. = 0. Volta o móvel ao ponto de partida.

Vê-se por aí que - 1 a esquerda de zero quer dizer: $+1 - 1 = 0$; - 2 a esquerda de zero quer dizer: $+2 - 2 = 0$, e assim por diante. Portanto, - 1 não quer dizer $0 - 1$, - 2 não quer dizer $0 - 2$.

Qualquer grau negativo de uma escala indica o grau de aproximação que deve ser diminuído do afastamento até êle para se chegar ao ponto de origem.

Eis aí a que se reduz o tal eixo orientado que constituía o cavalo de batalha dos apolo-gistas da teoria exótica das quantidades negativas menores que zero, professada até hoje nos institutos de ensino secundário!...

Tratemos, agora, do caso - o débito e o crédito.

Dizem os mestres que quem deve, tem menos do que quem nada tem.

Puro engano!

Quem deve nada tem, porque entrou na posse do objeto correspondente à importância da dívida; portanto, tem essa importância, representada pelo objeto referido, e deve a mes-

ma importância; logo, nada tem.

E ou não é?

É!...

Eu nada tenho, nem dinheiro, nem livro. Adquiro, porém, a prazo, um livro no valor de Cr\$ 20,00; fico de posse dessa quantia, representada pelo livro, e devo a mesma quantia.

Recebo, pouco depois, Cr\$ 20,00 por um trabalho qualquer; fico, então, com Cr\$ 40,00, a saber: Cr\$ 20,00 da importância do livro e Cr\$ 20,00 do meu trabalho; pago a importância do livro e fico ainda com os Cr\$ 20,00 do meu trabalho, convertidos no livro que não era meu.

Está certo ou não?

Vejamos, agora o caso do termômetro, que parece muito complicado mas que não tem complicação alguma.

Os graus abaixo de zero indicam baixa progressiva da temperatura; portanto, a baixa da temperatura determina a descida do mercúrio, ou o seu afastamento de zero para baixo; e a elevação da temperatura determina a subida do mercúrio, que redundará na diminuição da sua descida ou do seu afastamento de zero.

Em qualquer escala, pois, os graus positivos indicam afastamento do ponto de origem e os graus negativos indicam diminuição de afastamento do mesmo ponto ou aproximação ao referido ponto.

Convém observar ainda que os graus do termômetro abaixo de zero indicam resfriamento da temperatura além daquele ponto, notando-se que no mesmo ponto a temperatura já é um tanto resfriada, e que, à proporção que o resfriamento aumenta de intensidade, o mercúrio desce naturalmente, afastando-se *positivamente* de zero; e à proporção que o resfriamento diminui de intensidade, o mercúrio sobe também *positivamente*, aproximando-se de zero. Mas, como a aproximação ou subida do mercúrio deve ser diminuída do seu afastamento, ou da

sua descida, os graus positivos de aproximação ficam com os seus sinais trocados.

Eis aí por que os graus abaixo de zero são assinalados com o sinal negativo.

Conforme foi dito no começo d'êste trabalho, os mestres consideram as quantidades negativas menores que zero e variando na razão inversa do seu valor absoluto.

Isso é uma idéia estapafúrdia, imprópria de cultores das ciências exatas.

Eu vou demonstrar justamente o contrário: que as quantidades negativas são maiores que zero e que variam na razão direta do seu valor absoluto.

Qualquer quantidade negativa é uma quantidade de valor real e o zero é a indicação da falta absoluta de valor, onde quer que êle esteja.

Pergunto eu então: pode uma quantidade de valor real ser menor que um valor inexistente? E a diminuição de 1 km. de afastamento de certo ponto pode ser maior que a diminuição de 2 km. ou mais?

Além disso, o próprio conceito da quantidade negativa mostra que -1 não pode ser menor que zero, porque $0 - 1 = -(1 - 0) = -1$.

A expressão $0 - 1$, tanto pode exprimir a adição algébrica de uma quantidade negativa, como a subtração algébrica de uma quantidade positiva.

Como expressão de adição, por ser essa operação comutativa, podemos escrever:

$$0 - 1 = -1 + 0.$$

E, como a adição de zero a qualquer quantidade não altera o valor dessa quantidade, temos:

$$-1 + 0 = -1.$$

Nêsse caso, -1 representa a redução da soma:

$$0 + (-1) = 0 - 1 = -1 + 0 = -1.$$

Desaparecendo o zero e subsistindo a quan-

tidade -1 , está claro que essa quantidade é maior que zero.

Como expressão de subtração, sabemos perfeitamente que de zero não se pode subtrair quantidade alguma, pelo simples motivo de ser isso absolutamente impossível, a menos que a teoria exótica das quantidades negativas tenha algum zero diferente de zero zero.

Mas, considerando -1 como resto da subtração $0 - 1$, nêsse caso o resto varia na razão direta do subtraendo, visto ser êle igual ao subtraendo com o sinal trocado, sendo o minuendo nulo.

E assim sendo, -1 não pode ser maior que -2 , nem -2 maior que -3 , etc..

O resto varia na razão inversa do subtraendo sòmente quando o minuendo não é nulo, podendo o resto ser igual ao subtraendo ou diferente dêle.

(Nota) — Deve se subentender que a diminuição de afastamento é feita na ordem inversa dos graus da escala até o grau do afastamento existente.

Mais um exemplo do verdadeiro conceito da quantidade negativa.

Em um eixo orientado, tendo-se de diminuir 8 ms. de afastamento de 5 ms., deve se tomar 8 ms. de afastamento na escala que indica aproximação ao ponto de origem e dêsses 8 ms. suprimir os 5 últimos do 8 ao 4º inclusive, chegando-se a -3 ms., o que indica que falta ainda uma diminuição de 3 ms. de aproximação para se chegar a zero.

Goiânia, 28-6 1946.

JOÃO ODILON GOMES PINTO,
2º ten. reform. do Exército.

P. S. A subida do mercúrio abaixo de zero é produzida pela diminuição do aumento da força que atua na sua descida daquele ponto. (Frio, portanto, e não calor).



Fatos e Iniciativas

ENSINO RURAL

Comunicado da Inspeção Geral do Ensino do
2.º Grau, do Departamento de Educação

Dentro em breve o nosso Estado aumentará sua rede de escolas primárias, com a construção de mais de 74 prédios escolares destinados ao ensino rural. E que assim assumiu a importante pasta do Ministério de Educação e Saúde o emérito Professor Souza Campos, tratou de pôr em execução o Convênio Nacional do Ensino Primário, com o objetivo fundamental de promover o desenvolvimento da rede do ensino primário e, em consequência, reduzir o fabuloso "deficit" de mais de dois milhões na matrícula escolar existente no território nacional. Focalizando o assunto o Sr. Ministro Souza Campos concedeu importantes entrevistas à imprensa do Rio e São Paulo. Felizmente a execução do plano não ficou apenas em promessa e, hoje, já está se transformando em esplêndida realidade. Assim, novos horizontes vão se desenhando para o ensino primário rural no Brasil. Em nosso Estado temos um "deficit" escolar de mais de cem mil crianças necessitando de escolas. Aqui, no município de Goiânia, temos um "deficit" de mais ou menos, duas mil crianças em idade escolar de 7 a 11 anos. O vasto e bem ela-

borado plano organizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (I. N. E. P.), de aumento da rede escolar, em todo País, já se encontra em plena execução.

Na distribuição dos mil cento e oito prédios, pelo Fundo Nacional do Ensino, aos Estados, Goiás foi contemplado com 74 prédios, cujas construções serão iniciadas ainda este ano, ficando o nosso Estado colocado em quarto lugar, entre os seus irmãos da Federação. Afim de assinar o Acôrdio Especial com o Ministério da Educação, seguiu, para a Capital da República, como representante do nosso Estado, o Dr. Alfredo de Castro, emérito educador, antigo professor do Liceu, atualmente exercendo o cargo de Diretor de Educação. O auxílio a ser fornecido pela União será despendido exclusivamente na construção de prédios escolares para o ensino primário em zona rural fora da sede do município, naqueles que apreentem maiores necessidades educacionais e na aquisição de equipamento escolar e material didático para as escolas que serão instaladas nesses prédios. Dentre as cláusulas contidas no Acôrdio Especial, a ser assinado pelo nosso representante, destacamos a sexta, pela qual o Governo poderá entrar em entendimentos com os municípios e particulares interessados, que se prontifiquem a colaborar no plano de construção de prédios escolares, fornecendo material ou transporte ou ainda trabalho de forma a baratear e tornar mais rápida a construção. A economia resultante será empregada na aquisição de equipamento escolar e material didático para as respectivas escolas.

Formemos, todos, uma cruzada santa pela alfabetização em massa do nosso Povo, pois, só assim, o Brasil será grande na razão direta de sua extensão geográfica.

Zêlo e Entusiasmo III

Ao lado da formação integral do mestre (cultural e moral) precisariam os estabelecimentos normais lhes inculcar zêlo e entusiasmo pela sua missão, melhor diríamos, pelo seu sacerdócio — E. Backeuser.

“Renunciar à própria liberdade é renunciar à
qualidade de homem”.

Rousseau.

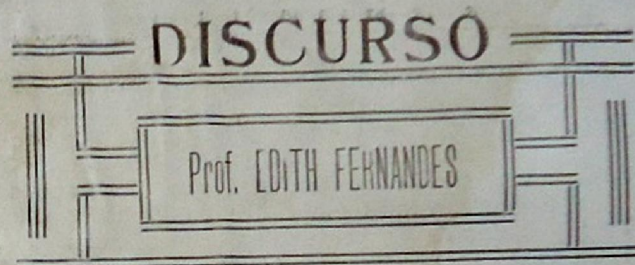
Atividades Escolares

A INSTALAÇÃO DA Escola Presidente DUTRA

Realizou-se a 6 de junho, nesta Capital, a instalação solene da "Escola Presidente Dutra", criada pelo decreto nº 124, como parte das comemorações do aniversário natalício do ilustre Reformador do Exército Nacional.

A's dez horas da manhã daquele dia, no salão do prédio destinado ao nável estabelecimento, no pitoresco bairro de Botafogo, presentes o Exmo. Sr. General F. A. Xavier de Barros, altas autoridades estaduais e municipais, Da. Cecília Xavier de Barros patrocinadora do movimento em prol da fundação da nova célula educacional primária, vários professores, senhoras e senhoritas da alta sociedade, grande massa popular e o respectivo corpo discente recém matriculado em elevado número, procedeu-se à sua solene inauguração.

Usou primeiramente da palavra, abrindo a sessão, Da. Cecília Xavier de Barros, que disse da finalidade da mesma e fez o panegírico do grande nome nacional que servirá de bandeira à santa cruzada da "Escola Presidente Dutra", exprimindo também o entusiasmo e o ideal que animam a comissão fundadora do novel estabelecimento, vendo coroados de êxitos seus esforços. Convidou em seguida para assumir a presidência da sessão S. Excia. o Interventor Federal, que declarou inaugurada a "Escola Presidente Dutra", congratulando-se com os presentes pelo acontecimento e referindo-se também ao "grande patrono da pequenina escola", de onde poderão por certo sair também grandes homens e grandes realizações futuras para nossa Pátria. Deu em seguida a palavra à Professora Edith Fernandes, recém nomeada para o estabelecimento, que proferiu a seguinte oração:



Não sei como me dirigir a vós nesta hora feliz. Tendo pensado que me seria difícil desempenhar a missão que por obrigação me cabe, a de dizer alguma coisa por ocasião da inauguração desta escola — agência do progresso neste Estado, resolvi pensar que não seria assim tão difícil como julguei, visto ter que falar a pessoas de boa vontade e primorosa educação, e também sentir-me no meu ambiente familiar — a Escola.

Eu me sinto hoje feliz por ver a realização de um dos meus desejos: — Quando decidimos, lá no Piauí, a nos transportar para esta boa e acolhedora terra, eu sonhei poder aqui continuar o meu trabalho de muitos anos, e em pensamento via-me cercada de crianças necessitadas do meu auxilio, a quem eu pudesse transmitir algum conhecimento, e ajudá-las na formação do seu caráter, na medida que me fosse possível; reconheço que esta é uma das missões grandiosas confiadas á mulher, e sempre desejei desempenhá-la.

E hoje eis-me aqui em Goiânia, rodeada de crianças a quem desejo servir. É verdade que devo este privilégio a vós, os que me oferecestes esta oportunidade, e a quem de coração agradeço.

Eu comparo a criação de uma escola, ao feliz nascimento de uma criança. Todos sabem o que representa para a família, a chegada de mais um amigo que aumentará a sua fôça, alargará o seu círculo, que enfim é recebido com as maiores mostras de alegria pois é mais uma esperança para o Futuro. Assim é a criação de uma escola; todos a recebem com prazer pois nela vêm a promessa do

progresso, da transformação para o bem, o saneamento do ambiente moral de um lugar. Uma escola é uma agência do bem, seja ela de que categoria fôr. Lembremo-nos de como nossos antepassados, tão carentes de instrução davam valor às poucas e deficientes escolas que tinham, e como respeitavam os mestres, a ponto de serem êstes considerados como segundos pais, a quem as crianças temiam e respeitavam. Mas, apesar de serem reconhecidas como fontes de luz, as escolas antigas não preenchiam perfeitamente a lacuna que se fazia sentir na sociedade, devido aos métodos errôneos adotados, que faziam com que a criança a temesse e detestasse, vendo no professor um verdadeiro verdugo! — Felizmente essa época está passando e podem os mestres atrair os futuros homens e futuras mulheres para a instrução sem que êles se sintam atemorizados e rebeldes. O professor moderno já compreende que faz parte do seu ministério, além de instruí-los e educá-los, tornar-se seu Amigo, para melhor orientá-los para a Vida.

A Escola é o primeiro fator na boa orientação de um povo, e quanto maior fôr o número de boas escolas que êste possua, mais possibilidades tem êle de se elevar acima do nível comum.

Conhecemos a fôrça da pequena Suíça, da Holanda, que chegou a ter a primazia no domínio dos mares, da Alemanha, Estados Unidos da América do Norte e outros, que, como sabemos dão todo valor e carinho às suas crianças fornecendo-lhes tôdas as vantagens e facilidades para o estudo. O Brasil precisa de nosso auxilio nesse sentido e devemos nos prontificar para dar-lho, para que êle se possa libertar de sua prisão — a ignorância — filha do analfabetismo.

O nosso grande Castro Alves disse que "Bendito o que semeia livros"; podemos dizer que mais benditos os que fundam escolas, onde as almas aprendem a amar os livros.

Em nome dos habitantes dêste Bairro — o Botafogo — agradeço pois a vós, os fundadores da Es-

cola General Eurico Gaspar Dutra — fazendo votos para que possais ter um largo período de paz, para o desempenho de um governo forte e útil que de muito sirva para a glória do Brasil!

Aceitai pois estas humildes, simples e sinceras palavras e contai com o nosso mais leal e franco apoio ao vosso governo e vossa obra.



Instalação do Grupo Escolar Padrão

Realizou-se recentemente, nesta Capital a inauguração solene do Grupo Escolar Padrão, instalado na zona industrial da cidade, à Avenida Goiaz, preenchendo uma inadiável necessidade do crescimento demográfico local.

A solenidade da inauguração contou com a presença de S. Excia. o Interventor Xavier de Barros, grande amigo da instrução em nossa terra, acompanhado de secretários de Estado e mais autoridades.

Estiveram também presentes vários Professores e alunos de outros estabelecimentos, tendo a cerimônia se revestido de verdadeiro brilhantismo.

Usou da palavra, declarando inaugurado o nôvel estabelecimento o sr. General Interventor, enaltecendo as finalidades e a importância do ensino no progresso de um povo, que bem justifica tôdas as medidas governamentais de política educacional.

Em seguida teve a palavra a Professora Ofélia Teixeira, que também focalizou a instrução como fator importante do desenvolvimento material, social e cultural do país.

Por último fez-se ouvir o sr. Sebastião Ribeiro, oficial de gabinete do Secretário de Estado de Educação e Saúde e seu representante na solenidade, que discorreu brilhantemente e com elevada visão político-educacional, sobre os problemas e as realizações do ensino em Goiaz e no Brasil.

O novo estabelecimento de ensino já entra em funcionamento com um contingente de 450 alunos matriculados, dis-

tribuídos entre 12 professoras, já dispoño de uma Caixa Escolar auxiliada pela L. B. A., estando em projeto de execução vários melhoramentos, tais como a instalação de um gabinete dentário e outras instituições de assistência escolar, tão mais necessárias quanto o exigem as condições sociais do bairro a que vai servir o Grupo Escolar Padrão.

A sua direção está entregue à Professora Laís Cruvinel Gordo, cujos esforços já muito se fizeram sentir para sua inauguração e de cujo devotamento à causa do ensino muito podem esperar os interessados pela sua criação.

O Estado de Goiaz está de parabéns pela nova realização no seu setor educacional.

"ALBUM HISTÓRICO DE GOIÂNIA"

Silvio Berto, o artista da fotografia, sobejamente conhecido em todo o Estado de Goiaz, pela sua constante atividade junto aos estabelecimentos de ensino da capital e do interior, há mais de 10 anos, acaba de realizar uma obra de grande valor artístico e cultural o "Album histórico de Goiânia", organizado para o Departamento Estadual de Cultura.

Deixando de parte a notável feição material e técnica do precioso Album, que nada deixa a desejar, cabe-nos analisar o valor artístico e cultural da sua organização, feita com carinho, com gosto, com inteligência e com sentimento. Reunindo as suas fotografias sobre Goiânia, desde os primórdios de sua fundação, passando pelos seus dias áureos do batismo cultural e de grandes acontecimentos que irão passar à história de Goiaz, Silvio Berto, prestou relevante serviço à posteridade, ao mesmo tempo que realizou um verdadeiro monumento artístico em homenagem à capital mais jovem do Brasil.

Não regateemos aplausos a quem, com tanta dedicação e interesse pelas coisas de nosso Estado, de tal maneira contribue para o nosso patrimônio histórico e cultural.

Dentro do nosso espírito de incentivar as boas iniciativas no setor da educação e da cultura, cumprimos o digno realizador do "Album histórico de Goiânia", como um emérito trabalhador no setor educacional do Estado.



NOTÍCIAS DE ARTE E CULTURA

RECITAL DE PIANO

—DE—

Nair de Moraes

A 11 de junho, no auditorium da Escola Técnica de Goiânia, com a presença do escol social, artístico e cultural desta cidade, realizou-se o anunciado recital de piano de Nair de Moraes, consagrada pianista brasileira e ilustrada Professora de Música daquele estabelecimento de ensino.

Diplomada pelo Conservatório Dramático e Musical da capital paulista e laureada com "medalha de ouro", prêmio "Gomes Cardim", em concurso pianístico, a brilhante artista já teve ocasião de se tornar admirada pelo público paulista, das cidades do Triângulo e de nosso Estado, através de vários recitais anteriores, em que evidenciou de sobra o seu notável talento musical.

No último concerto, porém, Nair de Moraes excedeu a todas as expectativas dos seus admiradores, não só pela magistral execução de um brilhante programa de piano, como pela apresentação em colaboração, do Orfeão da Escola Técnica, a seu cargo, com interessantíssimo programa notavelmente desempenhado pelos alunos daquele modelar estabelecimento. A assistência emocionada, depois de viver a notável expressão artística do piano de Nair de Moraes, na interpretação de números como "Sonata ao Luar" de Beethoven, "Estudo op 10, nº 12, Chopin", "Liszt, Rapsódia nº 10 e o Noturno de Scriábine", só para mão esquerda, elevando

auge o grau de emoção da platéia, que aplaudiu demoradamente a sua execução, a assistência emocionada, repetimos, passou a ouvir o Orfeão da Escola Técnica que apresentou:

- 1 — Offenbach — Barcarola.
- 2 — Carlos Braga — Pregões cariocas.
- 3 — J. Bonifácio — NOITES GOIANAS.
- 4 — Eduardo Souto — Batuque à S. Paulo.

Pela sua extraordinária "performance", pela beleza harmoniosa do conjunto, pela sensibilidade de interpretação e pelo gosto dos números escolhidos, o programa do coro orfeônico correspondeu brilhantemente à justa consagração de quantos já o conheciam em tantas solenidades e comemorações a que sempre emprestam o fulgor da sua colaboração, sob a magistral regência de sua ilustrada Professora.

.....

Cabe-nos aqui fazer u mrápido comentário sôbre a notável atuação de Nair de Morais nos meios educacionais do Estado de Goiaz, onde a grande artista se desdobrou em uma nova e brilhante personalidade, a que tem dado o melhor de suas extraordinárias energias — a personalidade de PROFESSORA.

Realmente, onde quer que se faça necessária, em vários estabelecimentos de ensino, em festas e comemorações, religiosas ou cívicas, e últimamente na direção artística da estação de rádio local, Nair de Morais entregou-se, de corpo e alma, de maneira inconfundível, a um verdadeiro apostolado educacional, que não deve deixar de ser admirado pelos goianos que amam a sua terra e que possam compreender o valor da educação artística na formação das novas gerações, na escola como na sociedade, pelo rádio e pela imprensa, ou onde quer que haja meios de difusão.

Nair de Morais é um precioso elemento na evolução social de nosso povo e como tal, o seu nome deve estar guardado, com emoção e com carinho, com admiração e respeito, no coração de todos os goianos.



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

"Nova Capital para o Brasil"

Sob o título acima, acaba de dar publicidade ao seu notável trabalho na Assembléia Constituinte o ilustrado goiano Dr. João d'Abreu, que apresentou sôbre o momentoso assunto constitucional um brilhante estudo, completo e criterioso, fartamente documentado, digno por isso mesmo da cordial acolhida que teve entre os seus pares e no seio do povo que o nobre deputado representa.

A preciosa publicação, além de ser uma digna contribuição aos estudiosos do assunto, representa o grande esforço e o calor do ideal que anima o espirito daquele que, de maneira tão profícua, defende, no momento histórico da nova Constituição Brasileira, os interesses do povo goiano e a grandeza do nosso Estado.

Ao deputado João d'Abreu, os cumprimentos da Revista de Educação e Saúde, pelo sentido educacional de sua obra, pelo bem de Goiaz e pelo bem do Brasil.

"Revista de Ensino"

Publicação pedagógica modelar, órgão da Secretaria de Educação de Minas Gerais, sob a direção do Professor João Batista Santiago, a "Revista do Ensino" tem nos honrado com a sua remessa, servindo-nos de paradigma e de incentivo ao mesmo tempo.

Com variada colaboração do brilhante professorado mineiro, abordando assuntos de sociologia, pedagogia, técnica e administração do ensino, a Revista do Ensino tem uma tiragem mensal de 10.000 exemplares, o que bem documenta o extraordinário desenvolvimento educacional do grande Estado montanhês.



Variedades

Educacionais e Educativas

Pequenas Biografias



Anchieta

O Padre José de Anchieta, justamente cognominado o "Santo do Brasil", nasceu em Laguna, ilha de Tenerife, a 19 de março de 1535 e faleceu em Reritiba, agora denominada Anchieta, no Estado do Espírito Santo, a 9 de junho de 1597.

Estudou em Coimbra, onde professou na Companhia de Jesús.

Aportou ao Brasil em 1553, com o governador Duarte da Costa, designado para missionar na Terra de Vera Cruz dada a fama do seu clima, por ter saúde precária.

Entregou-se logo de corpo e alma ao seu santo apostolado. Ensinava gramática, três classes diferentes, latim, traduzia para o português as orações religiosas e o catecismo, tanto amor dedicando a filhos de reinóis como aos filhos dos índios.

Compôs a "Arte da Língua Brasileira", que desde 1560 foi adotada como compêndio nos colégios jesuitas, mesmo manuscrita, só tendo sido impressa em Coimbra em 1595.

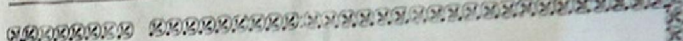
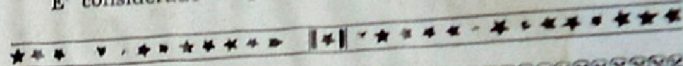
E' célebre o seu "Poema à Virgem Santissima", escrito em latim, na areia da praia e mais tarde publicado por seus biógrafos. Compunha também autos dramáticos, de profundo sentido educativo, em tupi e português, representados para edificação do povo.

E' considerado o iniciador da literatura brasileira, sendo que recentemente a Academia Brasileira de Letras publicou as suas "Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões", que contém preciosos dados sobre o Brasil e os brasileiros do seu tempo.

Morreu em 1597, aos 63 anos de idade, envelhecido no

santo labôr de sua grandiosa missão, venerado pelos índios e civilizados, com fama de taumáturgo, hoje em instância de canonização.

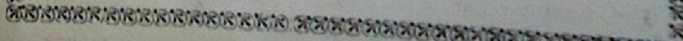
E' considerado o apóstolo e pai da educação no Brasil.



Pequenos testes para o Professor

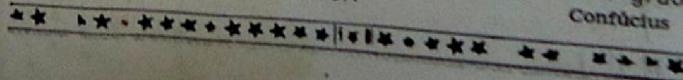
- 1—De que lado deve entrar na sala de aula a iluminação: { direita, esquerda, frente? }
- 2—Qual o 1.º cuidado do Professor no início do ano letivo: { a colocação dos alunos em lugar adequado à sua capacidade de visão e audição, escolha a dos uniformes, a adoção de livros? }
- 3—Qual o exercício físico mais aconselhável para as crianças das classes elementares: { os saltos, as corridas, a jardinagem? }
- 4—Como é que se desperta o interesse de uma classe: { com castigos, com premios, com recursos especiais? }
- 5—Qual o efeito dos clubes e grêmios escolares: { causam indisciplina, perturbam o estudo, socializam a criança? }

RESPOSTAS à página 57



⊕ Não são as ervas daninhas que estragam o bom grão e sim a negligência do lavrador.

Confúcius



* CURIOSIDADES *

**RELAÇÃO NOMINAL DOS PRESIDENTES E INTERVEN-
TORES DO ESTADO DE GOIAZ, A PARTIR DE 1889, 1º
ANO DA REPÚBLICA, E DESDE OS TEMPOS DO
PRIMEIRO IMPÉRIO**

Período de Governo:

- Dr. Caetano Maria Lopes da Gâma, que fôra o primeiro presidente depois de Independência — 1824 a 1827.
Miguel Lino de Moraes — de 24-10 de 1827 a 13-8-1831.
José Rodrigues Jardim — de 31-12-1831 a 19-3-1837.
Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri — de 20-3-1837 a 4-9-1839.
Dr. José de Assis Mascarenhas — de 4-9-1839 a 19-9-1845.
Dr. Joaquim Inácio Ramalho — de 19-9-1845 a 18-2-1849.
Dr. Eduardo Olímpio Machado — de 11-6-1849 a 10-7-1850.
Dr. Antônio Joaquim da Silva — de 11-7-1850 a 20-12-1852.
Dr. Francisco Mariani — de 20-12-1852 a 25-4-1854.
Antônio Cândido da Cruz Machado — de 8-5-1854 a 23-9-1855.
Dr. Antônio Augusto Pereira da Cunha — de 28-9-1855 a 1-8-1857.
Dr. Francisco Jámario da Gama Cerqueira — de 8-10-1857 a 1-5-1860.
Dr. Antônio Manoel de Aragão e Melo — de 1-5-1860 a 22-4-1861.
José aMtrins Pereira de Alencastro — de 22-4-1861 a 26-6-1862.
Dr. Caetano Alves de Souza Figueiras — de 26-6-1862 a 5-11-1862.
Dr. José Vieira do Couto Magalhães — de 8-1-1863 a 8-4-1864.
Rafael Augusto Ferreira França — de 27-4-1865 a 29-10-1867.

Dr. Ernesto Augusto Pereira — de 11-10-1868 a 6-10-1870.

A partir da proclamação da República presidiram os destinos da nossa terra os seguintes cidadãos:

Dr. José Joaquim de Souza, Joaquim Xavier dos Guimarães Natal e Major Eugênio Augusto de Melo que constituíram o governo provisório de 7-12-1889 a 23-2-1890.

Dr. Rodolfo Gustavo da Paixão — de 24-2-1890 a 20-1-1891.

Cel. Bernardo Antônio de Faria Albernaz, na qualidade de vice-governador — de 21-1-1891 a 27-3-1891.

Desor. João Bonifácio Gomes de Siqueira — de 30-3-1891 a 18-5-1891.

Constância Ribeiro da Maia, vice-governador — de 7-12-1891 a 19-2-1892.

Cel. Braz Abrantes — de 19-2-1892 a 17-7-1892.

Como Presidentes do Estado:

Cel. Antônio José Caiado, vice-presidente — de 17-7-1892 a 30-7-1893.

José Inácio Xavier de Brito — de 31-7-1893 a 16-7-1895.

Cel. Antônio José Caiado — de 16 a 18 de julho de 1895.

Cel. Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim — de 18-7-1895 a 9-7-1898.

Cel. Bernardo Antônio Faria Albernaz — de 10-6-1901 a 12-8-1901.

Dr. José Xavier de Almeida — de 12-8-1901 a 14-7-1905.

Cel. Miguel da Rocha Lima — de 14-7-1905 a 11-3-1909.

Cel. Francisco Bertoldo de Souza, vice-presidente — de 11-3-1909 a 27-4-1909.

Dr. Joaquim Rufino Ramos Jubé, como presidente do senado — de 27-4-1909 a 1-5-1909.

Cel. José da Silva Batista, vice-presidente — de 1-3-1909 a 24-7-1909.

Dr. Urbano Coelho de Gouvêa — de 24-7-1909 a 30-3-1912.

Joaquim Rufino Ramos Jubé — de 30-3-1912 a 24-5-1912.

Cel. Herculano de Souza Lôbo — de 24-5-1912 a 7-6-1913.

- Joaquim Rufino Ramos Jubé, presidente do Senado — de 7-6-1913 a 31-7-1913.
 Dr. Olegário Herculano da Silveira Pinto — de 31-7-1913 a 6 de julho de 1914.
 Cel. Salatiel Simões de Lima, vice-presidente — de 6-7-1914 a 28-6-1915.
 Joaquim Rufino Ramos Jubé, presidente do Senado — de 28-6-1915 a 9-5-1916.
 Cel. Aprígio José de Souza, vice-presidente — de 3-11-1916 a 9-5-1917.
 Joaquim Rufino Ramos Jubé, presidente do Senado — de 9-5-1917 a 14-7-1917.
 Desor. João Alves de Castro — de 14-7-1917 a 21-12-1918 e de 24-4-1919 a 6-6-1921.
 Joaquim Rufino Ramos Jubé, vice-presidente — de 21-12-1918 a 24-4-1919 e de 6-6-1921 a 14-7-1921.
 Cel. Eugênio Rocha Jardim — de 14-7-1921 a 27 de julho de 1923.
 Cel. Miguel da Rocha Luiz, vice-presidente — de 27-7-1923 a 14-7-1925.
 Dr. Brasil Ramos Caiado — de 14-7-1925 a 12-4-1927 e de 9-4-1927 a 13-7-1929.
 Cel. Diógenes de Castro Ribeiro — de 12-3-1927 a 9-4-1929.
 Joaquim Rufino Ramos Jubé — de 13 a 14-7-1929.
 Dr. Alfredo Lopes de Moraes — de 14-7-1929 a 12-12-1930.
 Dr. Humberto M. Ribeiro, vice-presidente — de 12-12-1929 a 27-10-1930.

(Continúa)

⊖ Para se adquirir independência nada mais é preciso que a simples economia.
 S. Similes

⊖ O mais forte sinal de pobreza de espírito é crer com facilidade em todas as cousas.
 Malebranche

⊖ A verdadeira coragem não consiste em clamar pela morte, mas lutar contra o infortúnio.
 Seneca

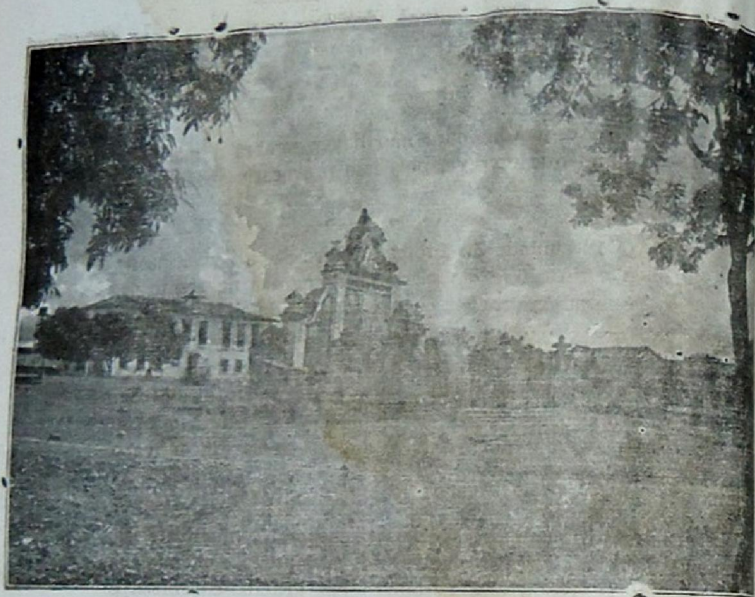
RESPOSTAS DO TESTE *Da pagina 54*

- 1 — Pela esquerda, para não haver sombra à mão do aluno que escreve, pois isso provocaria loenças da vista.
- 2 — O 1º cuidado do Professor deve ser a boa disposição do aluno em classe, sentando-se na frente os que ouvem menos ou que tenham defeitos de visão.
- 3 — A jardinagem, pois, além de ser excelente exercício físico, põe a criança em contacto direto com a natureza, ensina-lhe uma atividade útil, o gosto pela vida ao ar livre, ao sol, e lhe incentiva o amor pela terra.
- 4 — Com recursos especiais tais como: contar histórias, promover passeios, visitas a museus e monumentos, excursões, pesquisas em grupos, concursos e certames educativos, fazer coleções de scelos, de gravuras, de especimens animais e vegetais, promover jogos educativos, organização de grêmios e clubes escolares, alivar, enfim, o ensino, torná-lo atraente e INTERESSANTE.
- 5 — Socializam a criança, levando-a a saber viver com seus semelhantes, trabalhar em comunidade, por um ideal único, com solidariedade, EDUCANDO-A "pela vida e para a vida".

NOTA — PROFESSORES DE GOIAZ

Que êsses assuntos lhes inspirem uma tese para ser remetida à Revista de Educação e Saúde, como preciosa colaboração.

Aguardamos a atenciosa manifestação de interesse do brilhante Professorado anhanguerino.



GOIAZ

Goiáz querida, pérola mimosa,
Destes sertões soberbos do Brasil!
Terra que amo, que minh'alma adora,
Ao ver-te longe, tão distante agora,
Quero-te mais ainda,
Minha terra gentil!

E vivo a recordar as jotas ricas
Que te ensinam o colo primoroso;
A serra azul, os rios, as palmeiras
E as cujas frondes, vívidas, faceiras,
Saúda o por do sol
O sabiá queiroso.

PARAS
FESTAS
ESCOLARES
Ah! como é belo nas manhãs rosadas,
Cheias de luz, de aromas, de harmonias,
Correr seus vales aromatizados,
Ver deslizar seus rios sossegados,
Nos beijos perfumados
Das auras fugidias.

Terra garbosa e linda, que saudades,
Cessas montanhas verdes, cismalivas,
Que meu olhar dorido idolatrava!
Onde com tanto afêlo repousava,
Em tardes sumarentas
Ou nas manhãs estivas.

Ó Pátria minha estremecida e bela,
Não mais verei o teu azul risonho
Mas, onde quer que me conduza o fado,
Jamais te esquecerei, berço adorado,
De minha dor primeira!
Do meu primeiro sonho!

Aqui onde exilou-me a desventura
E a mocidade minha salurada
De amargores falece, frislemente,
Vivo a sonhar contigo eternamente,
Ó terra de minh'alma!
Ó Pátria idolatrada!

LEODEGÁRIA DE JESÚS

CIRANDINHA

*Ciranda Cirandinha
vamos todos
cirandar. . .*

*Como vive a Cirandinha
no'meio da
criançada,
feliz,
sem de nada
se
lembrar! . . .*

*Como seria feliz quem
já é grande,
que já cresceu,
quem tem cabelos brancos
como eu,
pudesse fazer assim como
as crianças
em noite de luar.*

*Talvez na roda da Cirandinha
nas voltas que
ela dá,
ficassem os sonhos, as ilusões,
tudo com ela
a rodar.*

(Padre Nelson de Barros Carvalho —
Pernambuco)

TRECHOS PITORESCOS—BOA LIÇÃO—

Num museu de Viena existe um piano que pertenceu ao grande Beethoven, o qual, compreende-se bem, é ali guardado e conservado com grande estima.

Ora, um dia, uma jovem norte-americana, estando de visita ao museu, aproximou-se do instrumento e, passando-lhe descuidadamente os dedos pelas teclas, tocou nêle uma ariazinha qualquer. Em seguida, voltando-se para o cicerone, perguntou-lhe se muitos artistas, pianistas e compositores célebres, já tinham vindo contemplar aquele piano. E ficou sabendo que, pouco tempo antes, Paderewski ali estivera.

— Paderewski! — exclamou a jovem norte-americana com entusiasmo — Paderewski! Imagino que êle deve ter tocado neste piano alguma de suas magníficas peças, não?

— Nada disso, pelo contrário — respondeu o cicerone — Paderewski sentiu-se indigno de tocar neste piano!

Administração da Revista

PORTARIA Nº 22

O Secretário de Estado de Educação e Saúde, do Estado de Goiaz, de acôrdo com o disposto nos artigos 7 e 13, do Regulamento da Revista de Educação e Saúde, resolve autorizar a publicação bimestral da mesma Revista, a partir do mês de junho próximo passado, por conveniência da marcha dos trabalhos da sua administração, e enquanto se verificarem as dificuldades de ordem técnica nas oficinas da Imprensa Oficial, referidas na Portaria nº 9, de 31 de maio dêste ano.

Dr. Simão Carneiro de Mendonça.

LEGISLAÇÃO

ESCOLAR

Resumo de Decretos, na
pasta de Educação e Saúde,
assinados no corrente bimestre:

GOVERNO FEDERAL

- DECRETO-LEI Nº 9.331, DE 10 DE JUNHO DE 1946.
Extingue, a partir de 1947, a Instrução Pré-Militar de que trata o art. 20 do decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942.
- DECRETO-LEI Nº 2.135, DE 27 DE JUNHO DE 1946.
Decreta luto oficial pela morte do sr. Juan Ant6nio Rios, Presidente da Rep6blica do Chile.
- DECRETO-LEI nº 9 488, DE 19 DE JULHO DE 1946.
Declara feriado nacional o dia 29 de julho de 1946, data comemorativa do centen6rio de nascimento da Princesa Isabel.
- DECRETO-LEI Nº 9.486, DE 18 DE JULHO DE 1946.
Eleva a Taxa de Educa73o e Sa7de para Cr\$ 0,80 e d6 outras provid6ncias.

GOVERNO ESTADUAL

- DECRETO-LEI Nº 407, DE 29 DE MAIO DE 1946.
Cria um cargo de Professor de Trabalhos Manuais no Col6gio Estadual de Goiaz.
- DECRETO-LEI Nº 419, DE 14 DE JUNHO DE 1946.
Estabelece limite m6ximo de idade para ingresso no servi7o p6blico.
- DECRETO-LEI Nº 431, DE 28 DE JUNHO DE 1946.
Autoriza, em car6ter de exce73o, o ingresso de membros do magist6rio p6blico na carreira de Inspetor de Educa73o Prim6ria.

- DECRETO-LEI Nº 451, DE 16 DE JULHO DE 1946.
Cria um Grupo Escolar de Campos Belos, munic6pio de Arra6ias, denominado "PROFESSORA RICARDA".
- DECRETO-LEI Nº 453, DE 16 DE JULHO DE 1946.
Desdobra em 3 o Hospital Regional de P6rto Nacional.
- DECRETO-LEI Nº 457, DE 18 DE JULHO DE 1946.
Cria um cargo de Professor, adido, padr6o A, extinto quando se vagar.
- DECRETO-LEI Nº 459, DE 18 DE JULHO DE 1946.
Cria o Grupo Escolar de Caturai, munic6pio de Inhumas.
- DECRETO Nº 87, DE 22 DE ABRIL DE 1946.
Autoriza a instala73o do Grupo Escolar de 3a. categoria de Itauss7, ainda no corrente ano letivo.
- DECRETO Nº 90, DE 29 DE ABRIL DE 1939.
Cria uma escola isolada mista em cada uma das fazendas "Capoeir6o" e "B6lsamo", no munic6pio de Inhumas.
- DECRETO Nº 107, DE 4 DE JUNHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denominado "Salino", no munic6pio desta Capital.
- DECRETO Nº 108, DE 4 DE JUNHO DE 1946.
Desdobra em duas, uma para cada sexo, a escola mista de Goianaz, no munic6pio de An6polis.
- DECRETO Nº 113, DE 12 DE JUNHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denominado "Salto", munic6pio de Corumb6 de Goiaz.
- DECRETO Nº 110, DE 7 DE JUNHO DE 1946.
Cria duas escolas isoladas mistas na Fazenda "Bom Jardim dos Dias" e na Fazenda "Serra Negra", ambas no munic6pio de Piracanjuba.
- DECRETO Nº 111, DE 7 DE JUNHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denominado "Marajo6ra", munic6pio desta Capital.
- DECRETO Nº 112, DE 12 DE JUNHO DE 1946.
Autoriza a instala73o do Grupo Escolar de 3a. categoria de Niquel6ndia, ainda no 1º semestre do corrente ano letivo.

- DECRETO Nº 114, DE 12 DE JUNHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denominado "Santo Antônio", município desta Capital.
- DECRETO Nº 115, DE 12 DE JUNHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denominado "Váu das Pombas", município desta Capital.
- DECRETO Nº 119, DE 18 DE JUNHO DE 1946.
Retifica o nome do Ginásio Oficial de Ipameri para "Ginásio Estadual em Ipameri".
- DECRETO Nº 122, DE 26 DE JUNHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista na fazenda "João Pinto", município de Rio Verde.
- DECRETO Nº 124, DE 28 DE JUNHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no Bairro de Botafogo, desta Capital, com a denominação "Escola Presidente Gaspar Dutra".
- DECRETO Nº 128, DE 6 DE JULHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no garimpo "São Luiz", município de Niquelândia.
- DECRETO Nº 129, DE 19 DE JULHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista na fazenda "Vargem Grande", distrito de Urutai, município de Ipameri.
- DECRETO Nº 132, DE 23 DE JULHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista na fazenda "Campo Alegre", município de Saguapara.
- DECRETO Nº 133, DE 25 DE JULHO DE 1946.
Cria um subpôsto de Higiene em Caraíba, município de Silvânia, subordinado ao pôsto de Higiene de Anápolis.
- DECRETO Nº 134, DE 25 DE JULHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denominado "Jatai", distrito de "Rudá", município de Ipameri.
- DECRETO Nº 135, DE 30 DE JULHO DE 1946.
Desdobra em duas, uma para cada sexo, a escola isolada mista de "Varjão", distrito de Guapó, município de Goiânia.
- DECRETO Nº 136, DE 30 DE JULHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denominado "Caieira", distrito de Itaiú, município de Goiás.
- DECRETO Nº 137, DE 30 DE JULHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denomina-

- do "Ribeirão Grande", na fazenda Bela Vista, município de Mineiros.
- DECRETO Nº 138, DE 30 DE JULHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista na fazenda denominada "Monjolinho", município de Morrinhos.
- DECRETO Nº 139, DE 30 DE JULHO DE 1946.
Cria uma escola isolada mista no lugar denominado "Casa Branca", na fazenda "São José da Soledade", município de Cristalina.
- DECRETO Nº 140, DE 31 DE JULHO DE 1946.
Dispõe sobre a comissão de Reforma do Ensino Primário do Estado.
- DECRETO-LEI Nº 431, DE 28 DE JUNHO DE 1946
- Autoriza, em caráter de exceção, o ingresso de membros do magistério público, na carreira de Inspetor de Educação Primária.
- O Interventor Federal, no Estado de Goiás, usando da atribuição que lhe confere o art. 6º, nº V, do decreto-lei federal nº 1.202, de 8 de abril de 1939, decreta:
- Art. 1º — Os membros efetivos do magistério público estadual, portadores de certificado de conclusão de curso ginásial ou normal, com mais de dez (10) anos de efetivo exercício, no magistério público estadual, poderão, a juízo exclusivo do Chefe do Poder Executivo, ingressar na classe inicial da carreira permanente de Inspetor de Educação Primária, independente de habilitação em concurso de provas.
- § 1º — Os professores beneficiados pelos favores deste artigo terão asseguradas todas as prerrogativas inerentes ao cargo para que tenham ingressado, na conformidade da legislação vigente.
- § 2º — Para o ingresso na carreira de Inspetor de Educação Primária terão preferência, em igualdade de condições, elementos do sexo masculino.
- Art. 2º — Somente serão permitidos ingressos, nos termos do artigo anterior, quando não houver candidatos habilitados em concurso para o provimento do cargo vago na classe inicial da carreira de Inspetor de Educação Primária.
- Art. 3º — O ingresso de que trata este decreto-lei, dar-

se-á mediante requerimento do interessado, dirigido ao Chefe do Poder Executivo e instruído com os seguintes documentos:

- a) — prova de haver cumprido as obrigações e os encargos para com a segurança nacional, quando do sexo masculino;
- b) — prova de estar no gôzo dos direitos políticos;
- c) — atestado de revacinação anti-variólica, em data não inferior a dois (2) anos;
- d) — atestado de sanidade física;
- e) — certidão de quitação com a Fazenda Pública Estadual;
- f) — pagamento da taxa de inscrição, prevista no decreto-lei nº 1.533, de 4 de janeiro de 1939;
- g) — certidão de tempo de serviço, passada pelo Departamento do Serviço Público;
- h) — atestado firmado pela Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, de que o candidato sempre se houve no exercício de seu cargo, com assiduidade, aptidão, dedicação ao serviço, disciplina, eficiência e idoneidade moral;
- i) — certidão de registro de diploma de normalista no Departamento de Educação; e
- j) — certificado de conclusão do curso ginásial, quando fôr o caso.

Parágrafo único — O requerimento acompanhado dos documentos enumerados neste artigo, será previamente informado pela Inspeção Geral de Ensino Primário e remetido ao Chefe do Poder Executivo com parecer fundamentado e conclusivo do Diretor do Departamento de Educação.

Art. 4º — O presente decreto-lei entra em vigor no dia de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de Goiás, em Goiânia, 28 de junho de 1946, 58 da República.

General Felipe Antônio Xavier de Barros

Dr. Simão Carneiro de Mendonça